

# BOOK OF ABSTRACTS

## INTERNATIONAL CONFERENCE TOURISM, LEISURE AND WAR

Portugal | Lisbon | 25–27<sup>th</sup> June 2015

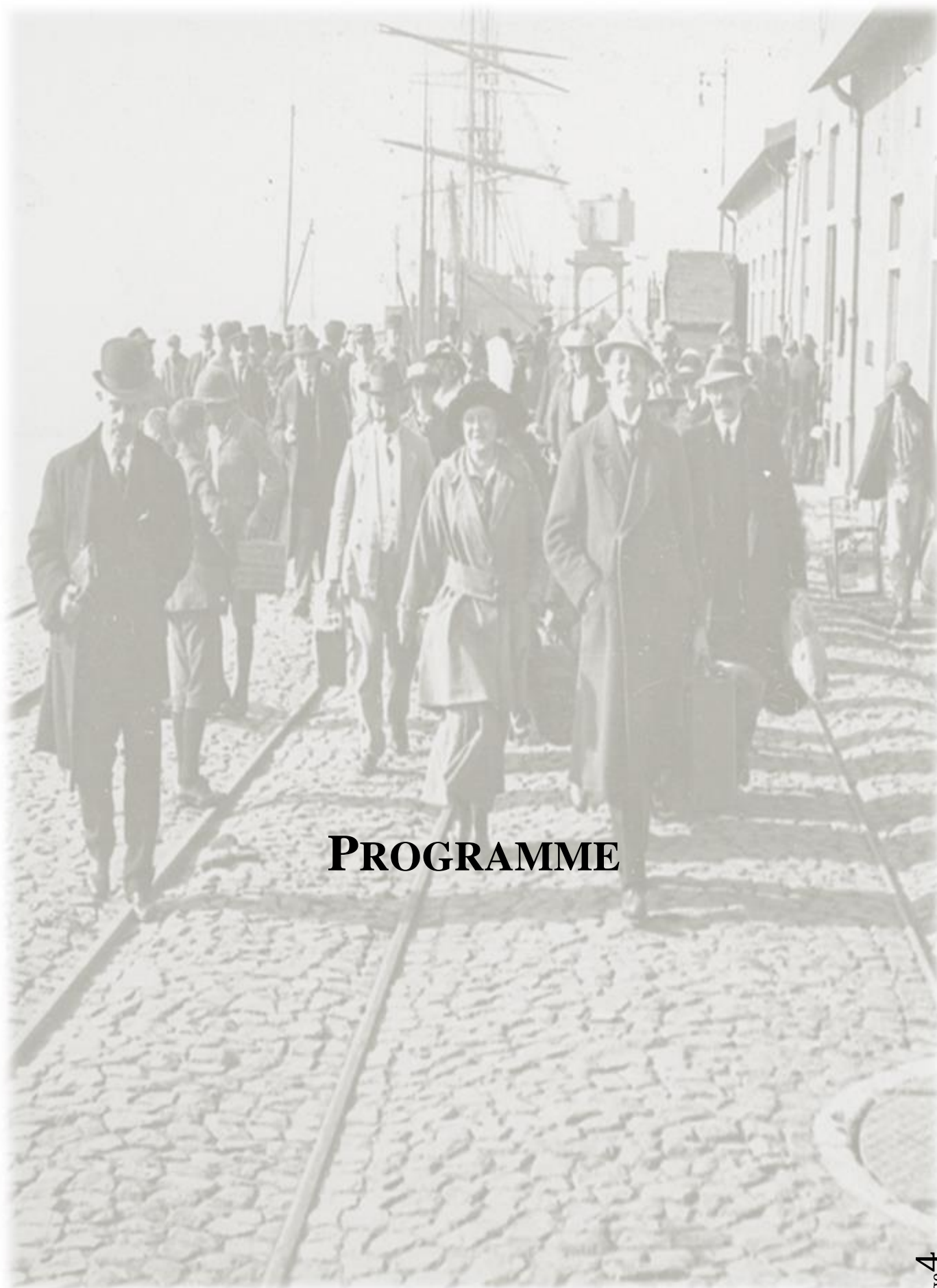


## CONTENTS

Programme .....	4
Curriculum Vitae and Abstracts of the participants.....	9
Jorge Mangorrinha (Universidade Lusófona) – Ao Encontro da Paz: topologia de uma ideia de musealização do turismo em Portugal .....	10
Sérgio Veludo (Instituto Politécnico do Porto) – Portugal e a Grande Guerra, da África à Flandres.....	12
Kevin James (University of Guelph) - Hotels, travel and state surveillance in wartime Britain, 1914-1918.....	14
Joana Paulino (IHC, FCSH/NOVA) - Os reflexos da I Guerra Mundial na modernização ferroviária e turística da linha de Cascais (1913-1930).....	16
Carla Ribeiro e Maria da Conceição Meireles Pereira (CEPESE, Universidade do Porto) - Turismo ferroviário em Portugal nos anos 30: os “comboios mistérios” e os “expressos populares” .....	18
Luísa Sousa (CIUHCT) – Modernidade e Propaganda em tempo de Guerra: a construção de estradas de turismo no âmbito das Comemorações dos Centenários.....	20
José Barros Rodrigues (CIUHCT) – A experiência de turismo automóvel de António Borges Coutinho (1905-1906): uma aventura radical em cenário de pré-guerra .....	23
Joana Lucas (CRIA/ CIDEHUS-UE/ FCSH/NOVA) - Turismo e Império na África Ocidental Francesa: da promoção e desenvolvimento turístico da década de 1920, ao fim da II Guerra Mundial .....	25
Joaquim Rodrigues (IHC, FCSH/NOVA) - «O Jardim de Portugal» – Turismo e Lazer no Algarve durante as duas guerras mundiais.....	27
Débora Cardoso (ISCTE) - A Exposição Mundo Português (1940) – Enaltecer Portugal em tempos de guerra .....	30
Rogério Miguel Puga (FCSH/NOVA) - A Guerra como Viagem Geográfica e Autobiográfica em A Malta das Trincheiras. Migalhas da Grande Guerra: 1917-1918 (1918), de André Brun .....	32
Margarida Portela (IHC, FCSH/NOVA) - Raul de Carvalho – um médico da Grande Guerra a caminho do Front. Uma viagem de turismo um tanto ou quanto sui generis.....	33
Sérgio Rezendes (IHC, FCSH/NOVA) - Lieutenant Walter S. Poague, of the US Marine Corps: an American view of Azores in 1918.....	35
Pedro Cerdeira (IHC, FCSH/NOVA) - Soldados ingleses dos Dardanelos em Portugal: turismo e esforço de guerra .....	37
Fernando João Moreira, Conceição Machado e Maria José Aurindo (ESHTE): MUVITUR (Virtual Museum of Tourism) – A journey through war in the land of holidays .....	39
Cândida Cadavez (ESHTE) – O Portugal do Sol e do Riso em Tempo de Guerras .....	42



<b>António Paulo Duarte (IDN/ IHC, FCSH/NOVA) - O Brinquedo Bélico e o Fenómeno da Guerra</b>	<b>44</b>
<b>Rita Nunes (IHC, FCSH/NOVA e Comité Olímpico de Portugal) - Lazer no pós-Guerra. Os Jogos Inter-Aliados de 1919</b>	<b>46</b>
<b>Luís Costa (Departamento de Ciências da Vida, UC/ CRIA/ CIUHCT) - Administrar o lazer   Uma estância de férias na Guiné Portuguesa</b>	<b>48</b>
<b>Irene Vaquinhas (CHSC, FLUC) – Uma praia em tempo de guerra: o caso da Figueira da Foz (1936-1945)</b>	<b>50</b>
<b>María Zozaya (CIDEHUS, Universidade de Évora) - POW's Tourism. Visiting Museums and cities during time of war. From military expeditions to cultural leisure (1809-1814)</b>	<b>51</b>
<b>Cristina Carvalho (ESHTE) - 1930s SUNNY COAST: A Paradise for Spanish Refugees &amp; Tourists</b>	<b>54</b>
<b>Maria João Castro (IHA/EAC, FCSH/NOVA) - Os olhares cruzados da Lisboa na Segunda Guerra Mundial. Memórias estrangeiras no Cais da Europa</b>	<b>57</b>
<b>Augusto Salgado e Jorge Russo (CINAV e IHC – FCSH/UNL) - Pode um submarino Imperial Alemão, na Primeira Guerra Mundial, produzir matéria turística em Portugal, no século XXI?</b>	<b>60</b>
<b>Gökçe Bayindir Goularas e Betül Nuhoglu (Yeditepe University) - The root tourism from Turkey to Greece, the return to the motherland</b>	<b>62</b>
<b>Angelos F. Vlachos (School of History and Political Science/Panteion University/ Athens) - War and After: Planning the Greek Tourism, 1939-1945</b>	<b>64</b>
<b>Leonídio Ferreira (Universidade de Évora) - Álamo – É patriótico celebrar uma derrota</b>	<b>66</b>
<b>Rita Martins, Daniela Sousa e Rui Martins (GITUR/ESTM-Instituto Politécnico de Leiria) - Dark Tourists: somos quase todos nós</b>	<b>69</b>
<b>EDITED BY</b>	<b>70</b>



# PROGRAMME



Thursday, June 25<sup>th</sup>

09h00 – Registration

09h30 – **Conference:** Jorge Mangorrinha (Universidade Lusófona) – Ao Encontro da Paz: topologia de uma ideia de musealização do turismo em Portugal

Chair | Ana Paula Pires (IHC, FCSH/NOVA)

10h00 – Debate

10h15 – **Conference:** Sérgio Veludo (Instituto Politécnico do Porto) – Portugal e a Grande Guerra, da África à Flandres

Chair | Maria Alexandre Lousada (Centro de Estudos Geográficos, FL-UL)

10h45 – Debate

11h00 – Break

### Panel I - War and tourism development

Chair | Maria Alexandre Lousada (Centro de Estudos Geográficos, FL-UL)

11h15-12h00

Kevin James	University of Guelph	Hotels, travel and state surveillance in wartime Britain, 1914-1918
Joana Paulino	IHC, FCSH/NOVA	Os reflexos da I Guerra Mundial na modernização ferroviária e turística da linha de Cascais (1913-1930)
Carla Ribeiro e Maria da Conceição Meireles Pereira	CEPESE, Universidade do Porto	Turismo ferroviário em Portugal nos anos 30: os “comboios mistérios” e os “expressos populares”

12h00 – Debate

12h30-14h00 – Lunch

14h00 – **Conference:** Luísa Sousa (CIUHCT) – Modernidade e Propaganda em tempo de Guerra: a construção de estradas de turismo no âmbito das Comemorações dos Centenários

Chair | Maria de Fátima Nunes (CEHFCi/IHC, UE)

14h30 – Debate

14h45 – **Conference:** José Barros Rodrigues (CIUHCT) – A experiência de turismo automóvel de António Borges Coutinho (1905-1906): uma aventura radical em cenário de pré-guerra

Chair | Maria de Fátima Nunes (CEHFCi/IHC, UE)

15h15 – Debate

## Panel II – Wartime tourism

Chair | Pedro Cerdeira (IHC, FCSH/NOVA)

15h30-16h15

Joana Lucas	CRIA/ CIDEHUS-UE/ FCSH/NOVA	Turismo e Império na África Ocidental Francesa: da promoção e desenvolvimento turístico da década de 1920, ao fim da II Guerra Mundial
Joaquim Rodrigues	IHC, FCSH/NOVA	«O Jardim de Portugal» – Turismo e Lazer no Algarve durante as duas guerras mundiais
Débora Cardoso	ISCTE	A Exposição Mundo Português (1940) – Enaltecer Portugal em tempos de guerra

16h15 – Debate

16h45 – Break

## Panel III - “Forced Tourists” during World War One

Chair | Ângela Salgueiro (IHC, FCSH/NOVA)

17h00-18h00

Rogério Miguel Puga	FCSH/NOVA	A Guerra como Viagem Geográfica e Autobiográfica em A Malta das Trincheiras. Migalhas da Grande Guerra: 1917-1918 (1918), de André Brun
Margarida Portela	IHC, FCSH/NOVA	Raul de Carvalho – um médico da Grande Guerra a caminho do Front. Uma viagem de turismo um tanto ou quanto sui generis.
Sérgio Rezendes	IHC, FCSH/NOVA	Lieutenant Walter S. Poague, of the US Marine Corps: an American view of Azores in 1918
Pedro Cerdeira	IHC, FCSH/NOVA	Soldados ingleses dos Dardanelos em Portugal: turismo e esforço de guerra

18h00 – Debate

Friday, June 26<sup>th</sup>

**09h30 – Conference:** Fernando João Moreira, Conceição Machado e Maria José Aurindo (ESHTE): MUVITUR (Virtual Museum of Tourism) – A journey through war in the land of holidays

Chair | José Luís Assis (CEHFCi/IHC, UE)

10h00 – Debate

**10h15 – Conference:** Cândida Cadavez (ESHTE) – O Portugal do Sol e do Riso em Tempo de Guerras

Chair | José Luís Assis (CEHFCi/IHC, UE)



10h45 – Debate

11h00 – Break

#### Panel IV - Leisure during war

Chair | Ana Carina Azevedo (IHC, FCSH/NOVA)

11h15-12h00

António Paulo Duarte	IDN/ IHC, FCSH/NOVA	O Brinquedo Bélico e o Fenómeno da Guerra
Rita Nunes	IHC, FCSH/NOVA e Comité Olímpico de Portugal	Lazer no pós-Guerra. Os Jogos Inter-Aliados de 1919
Luís Costa	Departamento de Ciências da Vida, UC/ CRIA/ CIUHCT	Administrar o <i>lazer</i>   Uma estância de férias na Guiné Portuguesa

12h00 – Debate

12h30-14h00 – Lunch

14h00 – **Conference:** Irene Vaquinhas (CHSC, FLUC) – Uma praia em tempo de guerra: o caso da Figueira da Foz (1936-1945)

Chair | Maria de Fátima Nunes (CEHFCi/IHC, UE)

14h30 – Debate

#### Panel V - Refugees, prisoners and tourists

Chair | Cláudia Ninhos (IHC, FCSH/NOVA)

14h45-15h30

María Zozaya	CIDEHUS, Universidade de Évora	POW's Tourism. Visiting Museums and cities during time of war. From military expeditions to cultural leisure (1809-1814)
Cristina Carvalho	ESHTE	1930s SUNNY COAST: A Paradise for Spanish Refugees & Tourists
Maria João Castro	IHA/EAC, FCSH/NOVA	Os olhares cruzados da Lisboa na Segunda Guerra Mundial. Memórias estrangeiras no Cais da Europa

15h30 – Debate

16h00 – Break

## Panel VI – War tourism

### 16h15-17h00 | Part I

Chair | Eunice Relvas (GEO/CML e IHC, FCSH/NOVA)

Augusto Salgado e Jorge Russo	CINAV e IHC – FCSH/UNL	Pode um submarino Imperial Alemão, na Primeira Guerra Mundial, produzir matéria turística em Portugal, no século XXI?
Gökçe Bayindir Goularas e Betül Nuhoglu	Yeditepe University	The root tourism from Turkey to Greece, the return to the motherland

### 17h00 – Debate

### 17h15-18h00 | Part II

Chair | Rita Nunes (Comité Olímpico de Portugal e IHC, FCSH/NOVA)

Angelos Vlachos	F. School of History and Political Science/ Panteion University/ Athens	War and After: Planning the Greek Tourism, 1939-1945
Leonídio Ferreira	Universidade de Évora	Álamo – É patriótico celebrar uma derrota
Rita Martins, Daniela Sousa e Rui Martins	GITUR/ESTM- Instituto Politécnico de Leiria	Dark Tourists: somos quase todos nós

### 18h00 – Debate

Saturday, June 27<sup>th</sup>

## Guided tour to Cascais and Estoril





# **CURRICULUM VITAE AND ABSTRACTS OF THE PARTICIPANTS**

## **JORGE MANGORRINHA (UNIVERSIDADE LUSÓFONA) – AO ENCONTRO DA PAZ: TOPOLOGIA DE UMA IDEIA DE MUSEALIZAÇÃO DO TURISMO EM PORTUGAL**

### **CV**

Jorge Mangorrinha é Pós-Doutorado em Turismo (2014), pela Faculdade de Economia da Universidade do Algarve. É Professor Associado na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e Quadro Técnico Superior da Câmara Municipal de Lisboa.

### **Abstract**

O trinómio Turismo, Lazer e Guerra expressa-se em dois domínios fundamentais: o dos fluxos turísticos em períodos de conflito regional ou mundial e o da valorização e musealização das memórias físicas e imateriais ligadas a esses conflitos.

É, aliás, um segmento turístico que tem progredido em diferentes países, enriquecendo a oferta turística e ganhando novos públicos.

No primeiro caso, a história conta-nos que, em tempo de guerra, se assiste a mudanças de fluxos turísticos, com benefício para os territórios em paz, mesmo com estratégias de descontos de preços por parte dos agentes locais das regiões em conflito. Em simultâneo, a perda de diversos patrimónios, pela sua destruição, acarreta a diminuição da competitividade desses locais, no quadro turístico internacional.

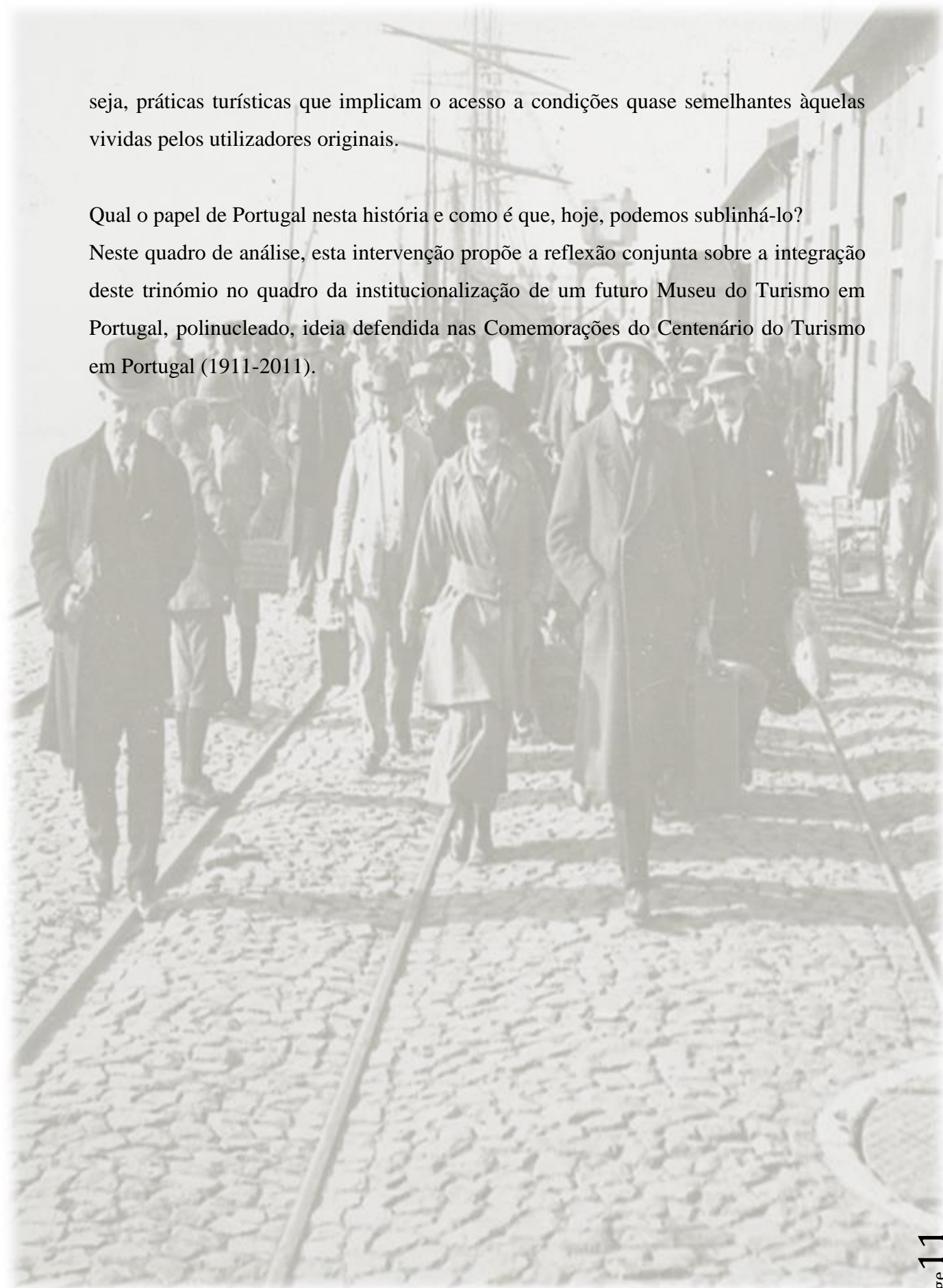
No segundo caso, o nicho de mercado relacionado com o Turismo de Guerra enquadra-se nas tendências da procura, ou seja, cada vez mais os turistas querem experiências e emoções diferentes e exóticas, lugares que se situam entre férias activas e férias mais relaxadas, lugares que contêm histórias, mesmo que estas remontem a acontecimentos terríveis, como por exemplo uma guerra. Podemos considerar que há a procura de uma adrenalina por parte dos turistas no seu encontro com memórias que lhes despertem uma curiosidade especial e um amadurecimento – veja-se as experiências em antigos campos de concentração, prisões políticas, redes subterrâneas utilizadas por tropas de guerra, ou



seja, práticas turísticas que implicam o acesso a condições quase semelhantes àsquelas vividas pelos utilizadores originais.

Qual o papel de Portugal nesta história e como é que, hoje, podemos sublinhá-lo?

Neste quadro de análise, esta intervenção propõe a reflexão conjunta sobre a integração deste trinómio no quadro da institucionalização de um futuro Museu do Turismo em Portugal, polinucleado, ideia defendida nas Comemorações do Centenário do Turismo em Portugal (1911-2011).



## SÉRGIO VELUDO (INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO) – PORTUGAL E A GRANDE GUERRA, DA ÁFRICA À FLANDRES

### CV

Sérgio Veludo é doutor em História pela Universidade Portucalense Infante Dom Henrique e Professor Adjunto no Instituto Politécnico do Porto. É investigador associado do Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes da Universidade Católica. Publicou em Outubro de 2012 a sua tese de Doutoramento “Arsenais Reais de Lisboa e Porto 1800-1814”, pela Editora Fronteira do Caos, com o apoio da Comissão Portuguesa de História Militar.

### Abstract

Apesar de já estar envolvido em combates com tropas alemãs nas colónias africanas desde 1914, numa guerra não declarada e obrigando ao envio de várias forças expedicionárias para Angola e Moçambique, o esforço principal do Exército Português na Primeira Grande Guerra foi, sem dúvida, na Frente Ocidental. Desde as Guerras Napoleónicas que Portugal não tinha uma tão grande mobilização de tropas para território europeu, no que viriam a ser quase 58000 homens, não contando os mais de 50000 mobilizados em vagas sucessivas para África.

A declaração formal de guerra entre Portugal e a Alemanha em 9 de Março de 1916 levou o Governo da República, já tolhido pela instabilidade política, e o Exército Português, que havia iniciado um processo de modernização estrutural (incluindo o serviço militar obrigatório) lento e hesitante, a preparar um corpo expedicionário de grandes dimensões para as capacidades do país, com duas divisões de infantaria, corpos de artilharia, cavalaria, engenharia e outros serviços de logística, apoio e saúde para uma intervenção na França, especificamente no designado Sector da Flandres. Todos os níveis de reservistas foram chamados ao serviço e deu-se início à mobilização sistemática de cidadãos para as fileiras, sendo as tropas acantonadas no campo militar de Tancos, para o treino e a preparação para combate, o que daria origem ao quase



mitológico *Milagre de Tancos*, que acabaria por não dar os resultados esperados nas trincheiras da Frente Ocidental.

As forças que foram criadas organicamente para partir para França foram o Corpo Expedicionário Português (C.E.P.), o Corpo de Artilharia Pesada (C.A.P), estes sob a jurisdição dos comandos britânicos e o Corpo de Artilharia Pesada Independente (C.A.P.I.) sob comando francês, cujas áreas operacionais seriam situadas na frente da Flandres francesa, especificamente de St. Venant a Fauquissart, numa frente que variou entre 11 a 18 km, demasiado extensa para ser guarnecida apenas por duas divisões.

Quando as tropas portuguesas chegaram às suas posições, em substituição de vários batalhões britânicos, encontraram já uma rede de trincheiras e fortificações, prontas a ser usadas pelas novas guarnições, mas situadas numa zona de extrema humidade, ainda hoje evidente nos terrenos de cultivo que substituíram a zona de guerra. Para agravar a situação as posições portuguesas ficavam numa cota ligeiramente inferior à das ocupadas pelas posições alemãs, tornando-as mais expostas. A integração dos soldados portugueses na frente da Flandres foi uma tarefa árdua e difícil, pois estes homens, vindos de um país de climas suaves, foram enfrentar Invernos longos e rigorosos, com muita chuva e temperaturas muito baixas. Nevoeiros e chuvas quase diárias transformavam os solos e pavimentos das trincheiras em autênticos lodaçais pantanosos. As trincheiras rapidamente se tornaram, aos olhos das tropas do C.E.P., em locais horríveis para se viver e morrer, sobretudo para o grosso das tropas de Infantaria que compunham os batalhões, vindos de todo o país, na sua maioria analfabetos e desconhecedores das razões que os obrigaram a ali ir e ficar.

## KEVIN JAMES (UNIVERSITY OF GUELPH) - HOTELS, TRAVEL AND STATE SURVEILLANCE IN WARTIME BRITAIN, 1914-1918

### CV

Kevin James has a PHD in Social History and he is an Associate Professor at University of Guelph.

### Abstract

Under Anglo-American common law, guests staying at inns and hotels historically enjoyed much wider rights to anonymity than those on the continent. The result was the emergence of distinctive practices in the United Kingdom centred on the visitors' book: in much of Europe it took the form of a compulsory register whose structure was detailed by the state, whereas in the United Kingdom it was a site of more whimsical, pseudonymous and anonymous inscription. The variety and frivolous character of many entries nourished a wider discourse on the relative freedoms of travel there. A tour in Britain invariably involved many encounters with volumes at inns and hotels that lay open for inscription and perusal. Yet by the end of the nineteenth century, some British commentators expressed anxiety over the decline of an idiosyncratic hotel literary culture that offered guests opportunities for flamboyant expression: in part this was attributed to the rise of the grand hotel, and the creeping systemisation of hotel culture. It was war, however, that saw the definitive eclipse of many practices of British touring. With the outbreak of the Great War, laws and customs that enshrined this distinctiveness in British travel culture were dealt a mortal blow as the principle of elective inscription was replaced by a much tighter regime of surveillance, enacted through legislation and successive Orders in Council that aimed to monitor and record the movement of aliens in Britain. The eventual result was a requirement for systematic, compulsory registration of all guests at hotels and inns, with weighty consequences for a tourist sector that was already experiencing severe disruption in the course of the hostilities. By illuminating how the United Kingdom moved, often haltingly and rancorously, to adopt such an expansive registration scheme throughout the commercial accommodation sector at the height of global conflict – one that had been utterly



unfamiliar to its hostilities, inimical to its culture of travel, and a departure from centuries of practices – volumes of official correspondence reveal a government grappling to define new relationships between the state, hotel management, and guests. After debate over whether it should be ended when the conflict drew to a close, the system of registration was made permanent, becoming an enduring feature of twentieth-century commercial accommodation. This paper charts how the system of state surveillance over a key component of the domestic tourism sector became broader over the course of the war and embedded in official policy thereafter. It explores how it eroded once distinctive features of British hotel life such as the cherished anonymity of guests, and identifies key debates during this process that implicated local and central authorities, hotel operators, and other actors in the tourism and commercial accommodation sectors as they struggled to develop, disseminate and adopt new practices during the war.

## **JOANA PAULINO (IHC, FCSH/NOVA) - OS REFLEXOS DA I GUERRA MUNDIAL NA MODERNIZAÇÃO FERROVIÁRIA E TURÍSTICA DA LINHA DE CASCAIS (1913-1930)**

### **CV**

Joana Paulino é doutoranda em História, especialização em História Contemporânea e investigadora do IHC. Tem feitos vários estudos sobre o caminho-de-ferro português e a sua relação com o turismo.

### **Abstract**

O ano de 1914 representa um triplo marco. Particularizando o caso da linha de Cascais, aquele que se pretende focar, foi em 1914 que dois projectos modernizadores desta região começaram a ganhar forma.

Por um lado, deu-se o mote para a electrificação da Linha de Cascais, um acontecimento pioneiro no contexto nacional, com um distanciamento de 30 anos face à seguinte via-férrea a adoptar a energia eléctrica como força motriz, a Linha de Sintra. Por outro lado, foi no referido ano que se assentaram as bases para o projecto turístico do Parque Estoril, uma iniciativa igualmente pioneira num sector de actividade emergente, o turismo, ambicionando-se que fosse uma estância cosmopolita e internacionalmente reconhecida. Por fim, 1914 foi também marcado pelo início da I Guerra Mundial (1914-1918) o que teve, indiscutivelmente, reflexos nas referidas modernizações e na forma como todo o processo se desenrolou, desde os pedidos de concessão à sua conclusão e inauguração.

Ambas as iniciativas modernizadoras foram incentivadas pelo empresário da oligarquia portuguesa Fausto Cardoso de Figueiredo (1880-1950) o qual foi, igualmente, vice-presidente da Câmara Municipal de Cascais (C.M.C.), deputado e vice-presidente do Conselho de Administração da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portugueses (C.R.C.F.P.). O seu percurso de vida e «moldagem» aos diferentes regimes foi feito em prol da prossecução da electrificação da Linha de Cascais e construção do Parque Estoril. Embora seja rara a referência à relação entre ambos os projectos estes são,



efectivamente, simbióticos e partes comuns de um mesmo tronco, não podendo, nem devendo, ser perspectivados de forma dissociada.

Muito embora a consciencialização da necessidade de electrificação da linha de Cascais remonte a 1903, em virtude do elevado custo do carvão e da concorrência de dois outros meios de transporte, o eléctrico da Companhia Carris de Ferro de Lisboa, e o automóvel, uma tomada de posição perante este facto só começou a ganhar forma a partir do final de 1913, pela mão de Fausto de Figueiredo, processo paralelo à apresentação na Câmara dos Deputados do projecto para a estância turística. Após uma apresentação geral da figura do empresário e dos seus projectos, o que se pretende é analisar a forma como a I Guerra Mundial se reflectiu nos avanços (e recuos) destas iniciativas. A participação de contingentes de vários países no conflito moldou o destino da electrificação férrea e da construção do Parque Estoril. Os encargos inerentes à guerra não só fizeram com que a conclusão destes fosse mais demorada (implicando, até, adendas aos contractos de concessão), como, por exemplo, «ajudaram» a que a empresa de Fausto de Figueiredo, a Sociedade Estoril, ficasse como única candidata à outorga da electrificação pela desistência das concorrentes. Assim, procura-se desvendar: de que forma a guerra contribuiu para a construção do império de Fausto de Figueiredo no Estoril?

O estudo que se pretende apresentar foi realizado com base em fontes impressas e manuscritas (até à data, ainda não estudadas de forma tão aprofundada e problematizada) contidas no arquivo histórico da Fundação Museu Nacional Ferroviário – Armando Ginestal Machado e no arquivo histórico e fotográfico da Comboios de Portugal. A referida documentação foi articulada com informação presente na principal imprensa da época e com os debates parlamentares da época.

**CARLA RIBEIRO E MARIA DA CONCEIÇÃO MEIRELES PEREIRA (CEPESE, UNIVERSIDADE DO PORTO) - TURISMO FERROVIÁRIO EM PORTUGAL NOS ANOS 30: OS “COMBOIOS MISTÉRIOS” E OS “EXPRESSOS POPULARES”**

**CV**

Carla Ribeiro e Maria da Conceição Pereira são do CEPESE, Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Têm como interesse de estudo a história do cinema e da cultura popular em Portugal.

**Abstract**

Com o advento da contemporaneidade, no mundo ocidental, tornou-se indiscutível a importância do turismo, desde logo a nível da economia, como também a nível do lazer, transformação social que, além de características culturais, foi também objeto de atenção política. Portugal comungou deste fenómeno, de uma forma geral tardiamente, em relação à maioria dos países europeus, por razões estruturais diversas.

Embora tenha sido no século XX que a viagem turística sofreu, entre nós, um desenvolvimento sem precedentes, este investimento vinha fazendo-se sentir desde meados do século anterior, graças em grande parte ao alargamento da rede de caminhos-de-ferro nacional. As consequências em termos de turismo foram imediatas: por um lado, tornou acessível a um maior número de pessoas as viagens de lazer; por outro, os locais que passaram a ser considerados como destino dos turistas foram determinados pela própria rede de caminhos-de-ferro.

A aposta no turismo interno, através da rede ferroviária, procurou alargar a rede de potenciais turistas nacionais através, em particular, de uma diversidade de tarifas especiais e outras promoções levadas a cabo pelas empresas de caminhos-de-ferro e divulgadas através da revista *Gazeta dos Caminhos de Ferro*. Tal foi especialmente evidente no período dos anos trinta, altura em que se assistiu à concorrência do automóvel, com índices de crescimento exponencial a partir da criação da Junta Autónoma das Estradas (1927), por um lado e, por outro, à subida generalizada dos preços (fruto ainda das consequências da I Guerra Mundial), o que causou a atribuição



de sobretaxas, a pedido das empresas ferroviárias, quer no preço dos bilhetes vendidos, quer nas mercadorias transportadas.

Esta comunicação focar-se-á, assim, em torno de duas iniciativas de incentivo às viagens ferroviárias turísticas, promovidas na *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, como resposta a estas dificuldades: os “comboios mistério” e os “expressos populares”, constituindo ambas formas de divulgação e utilização deste meio de transporte, permitindo um aumento das viagens turísticas e contribuindo para transformar o turismo numa indústria com cada vez maior peso na economia nacional.

Procurar-se-á, pois, dar resposta a uma série de questões de investigação, que se passa a enumerar:

- Em que consistiam estas viagens dos “comboios mistério” e dos “expressos populares”?
- A que público(s)-alvo se destinavam?
- Quais os roteiros de viagens mais habituais/concorridos?
- Que pólos de atração turística se constituíram em consequência destas iniciativas?
- Que adaptações sofreu este modelo importado?
- Que correspondência existiu entre os objetivos traçados e as realizações efetivas?

## **LUÍSA SOUSA (CIUHCT) – MODERNIDADE E PROPAGANDA EM TEMPO DE GUERRA: A CONSTRUÇÃO DE ESTRADAS DE TURISMO NO ÂMBITO DAS COMEMORAÇÕES DOS CENTENÁRIOS**

### **CV**

M. Luísa Sousa (Alcochete, 1976) é investigadora do Centro Interuniversitário para a História das Ciências e da Tecnologia (CIUHCT), no Departamento de Ciências Sociais Aplicadas da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade NOVA de Lisboa (FCT/UNL). Neste momento está a desenvolver o seu projecto de pós-doutoramento, intitulado "Estradas para a circulação e estradas para o fomento: a engenharia rodoviária em Portugal no pós-II Guerra Mundial (1945-1974)", e também integra a equipa do projecto de investigação coordenado por Maria Paula Diogo intitulado "Reconstruindo o continente africano: a engenharia portuguesa e a apropriação dos territórios coloniais de Angola e Moçambique (1870-1974)", ambos financiados pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

### **Abstract**

A discussão em torno da construção e classificação de “estradas de turismo” nos anos trinta em Portugal teve como epítome a construção da estrada marginal Lisboa-Cascais e o lanço da auto-estrada Lisboa-Estádio Nacional durante o período da II Guerra Mundial. A sua construção foi enquadrada no programa das Comemorações dos Centenários de 1940, que pretendia mostrar a “capacidade realizadora de Portugal”, amplamente celebrada e evocada durante e depois das comemorações (e descontextualizada do resto da realidade do país) nas várias publicações de celebração da obra do Estado Novo, incluindo os relatórios plurianuais do órgão estatal então responsável pelo planeamento das estradas nacionais, a Junta Autónoma de Estradas (JAE). Estas estradas foram obras que serviram uma classe privilegiada e que se destacaram pelo seu carácter excepcional, também no quadro da engenharia rodoviária portuguesa.

O carácter excepcional destas estradas de turismo verificou-se desde a sua concepção, à sua realização e exploração. Construídas durante o período de guerra, a sua construção



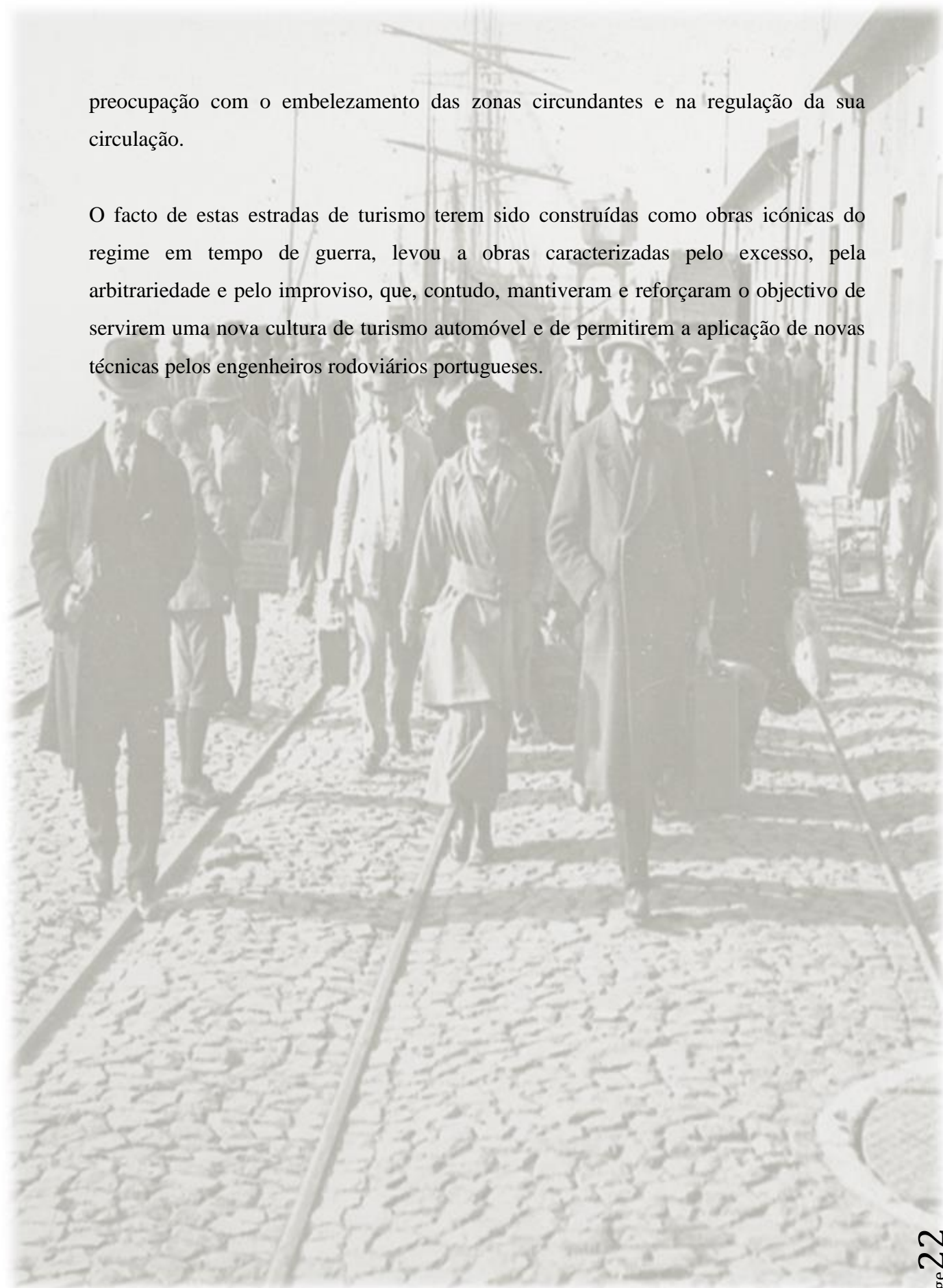
enfrentou a escassez e o encarecimento de materiais de construção, como pavimentos especiais de betuminoso e de betão de cimento. Enfrentou também as limitações de transporte de materiais e pessoas devido à falta de pneus e de gasolina, o que levou a que os automóveis autorizados a circular tivessem de usar um combustível alternativo, sobretudo através da instalação de gasogénios (especialmente em 1942 e 1943). A sua construção implicou ainda um enorme esforço a nível orçamental (chegou a gastar um terço do orçamento para todas as estradas nacionais do país) e organizacional (sobretudo pela JAE) e beneficiou de uma série de medidas de excepção para a sua agilização, algumas das quais só possíveis em ditadura (como o regime de expropriações).

Por outro lado, a construção destas estradas de turismo foi acompanhada por outras iniciativas para fomentar o turismo nacional, nomeadamente a construção de pousadas e de outras estradas classificadas como percursos de turismo, obras também incluídas no programa das Comemorações dos Centenários. As pousadas de turismo, da iniciativa do Secretariado de Propaganda Nacional, estavam destinadas a “constituir pequenos modelos de hotéis especialmente adaptados às circunstâncias da vida portuguesa”, sendo mais uma materialização da “política do espírito” de António Ferro. Ao inaugurar a primeira pousada de turismo, em Elvas, em 1942, António Ferro reconhecia o turismo interno como um factor essencial para o “conhecimento íntimo” do país e para o apaziguamento em tempo de guerra.

Um dos grandes promotores de uma cultura de uso elitista do automóvel, o Automóvel Club de Portugal (ACP), apoiou entusiasticamente a construção da estrada marginal Lisboa-Cascais e o lançamento da auto-estrada Lisboa-Estádio Nacional no âmbito das Comemorações dos Centenários, tendo-se associado desde o primeiro momento a estas comemorações e aplaudido os “intuitos patrióticos” manifestados na nota oficiosa que as anunciou, de António de Oliveira Salazar. O ACP, que teve um papel importante no desenvolvimento da mobilidade automóvel em Portugal, assumiu-se como o representante oficial do automobilismo português e, em particular, do turismo automóvel, maioritariamente elitista. Estas estradas procuraram servir o turismo automóvel, ao incorporar o ponto de vista do automobilista no seu traçado e na construção de obras acessórias, como parques de estacionamento e miradouros, na

preocupação com o embelezamento das zonas circundantes e na regulação da sua circulação.

O facto de estas estradas de turismo terem sido construídas como obras icónicas do regime em tempo de guerra, levou a obras caracterizadas pelo excesso, pela arbitrariedade e pelo imprevisto, que, contudo, mantiveram e reforçaram o objectivo de servirem uma nova cultura de turismo automóvel e de permitirem a aplicação de novas técnicas pelos engenheiros rodoviários portugueses.





## JOSÉ BARROS RODRIGUES (CIUHCT) – A EXPERIÊNCIA DE TURISMO AUTOMÓVEL DE ANTÓNIO BORGES COUTINHO (1905-1906): UMA AVENTURA RADICAL EM CENÁRIO DE PRÉ-GUERRA

### CV

José Barros Rodrigues é Doutor em História e investigador do Centro Interuniversitário para a História das Ciências e da Tecnologia. Tem como interesses de investigação a História do automobilismo e da indústria automóvel em Portugal.

### Abstract

Entre Agosto de 1905 e Abril de 1906, um grupo de três portugueses lançou-se numa fantástica aventura que precedeu em alguns meses outras iniciativas do género com carácter pronunciadamente desportivo, nomeadamente o célebre Paris-Pequim, disputado em 1907. Um aristocrata, D. António Borges Coutinho de Medeiros (Praia e Monforte) e o seu inseparável amigo, Augusto d'Ornellas Bruges, juntamente com o *chauffeur* Joaquim Correia efectuaram, durante aproximadamente oito meses, uma extraordinária excursão em automóvel que os fez percorrer praticamente todas as grandes cidades da Europa continental, ligando Lisboa a Constantinopla. O início do século XX, em Portugal, vê despertar uma nova corrente de turismo, baseado nas excursões em automóvel. Nessa altura o automobilismo nacional era, em números absolutos, incipiente. As provas desportivas rareavam e o fluxo comercial não era tão intenso como na generalidade dos países europeus. Mas o entusiasmo era grande e o automóvel acabou por despertar verdadeiras paixões entre os portugueses com melhor saúde financeira, vindos da aristocracia e da burguesia, tanto urbana como rural. Por essa altura, escrevia a imprensa portuguesa mais atenta ao fenómeno: “As verdadeiras excursões estão verdadeiramente na ordem do dia. Nada de mais “fashionable” e interessante do que dizer a alguém: amanhã parto para a Turquia, para o Indostão, ou mesmo para a Lua. E se esse feliz mortal puder acrescentar – vou no meu automóvel – então é o cúmulo dos cúmulos.”

Esse deveria ser, sem dúvida, o estado de espírito de D. António Praia, que resolve em pleno Verão de 1905 preparar um automóvel *De Dion Bouton* com o objectivo de unir

por estrada as principais cidades da Europa continental, centros políticos de um continente sempre em equilíbrio instável. Por essa razão, o plano inicial não contemplava nem as Ilhas Britânicas nem a Escandinávia e, eventualmente por dificuldades logísticas e/ou burocráticas, o Império Russo ficava também fora do percurso. Porém, não eram seguramente essas ausências que retiravam ao traçado definido pelos dois aventureiros uma enorme dose de ambição: a comitiva sairia de Lisboa em direcção a Badajoz, passando depois por Madrid, Paris, Bruxelas, Amsterdão, Berlim, Viena, Budapeste, Belgrado, Sofia, Bucareste e Constantinopla, no percurso de ida, estando o regresso previsto com passagem por Atenas, Nápoles, Roma, Milão, Turim, Berne, Nice, Barcelona, Sevilha e Lisboa. Não existem hoje registos sobre a origem da ideia desta excursão fabulosa. Terá sido o aristocrata a propor à Sociedade Portuguesa de Automóveis este invulgar périplo europeu, pedindo-lhe apoio logístico e técnico, ou terá sido aquela empresa, importador oficial da marca *De Dion Bouton* para o nosso país – o automóvel escolhido para a grande viagem – a aliciar D. António Borges Coutinho de Medeiros a empreender semelhante maratona que previa uma passagem pela sempre difícil zona balcânica, ainda impregnada pelo caldo de cultura de uma instabilidade política e territorial que haveria de dar origem à denominada primeira guerra balcânica em 1912? A longa viagem, que implicava efectuar dezenas de milhares de km, terá sido um dos motivos principais desta decisão mas o facto de se usar um automóvel terá tido também um contributo emocional decisivo para a sua prossecução. A par dos prazeres da vilegiatura, o desafio de viajar sem horários pré-estabelecidos e locais pré-determinados terá constituído o grande aliciante desta expedição recriando-se assim um “Grand Tour” sedutor e moderno, mesmo que ameaçado por eventuais bandos isolados de terroristas. Neste trabalho, procurar-se-á definir no espaço e no tempo a epopeica viagem deste titular, que teve, de acordo com os relatos da época, cerca de 38.000 km de extensão, identificando os locais de passagem e referenciando algumas das descrições dos viajantes. Serão igualmente abordados os mecanismos de defesa que os excursionistas activaram para se poderem defender dos eminentes ataques de bandidos na região balcânica, numa atmosfera de pré-guerra e onde o Estado de Direito era apenas uma mera ilusão.



**JOANA LUCAS (CRIA/ CIDEHUS-UE/ FCSH/NOVA) - TURISMO E IMPÉRIO NA  
ÁFRICA OCIDENTAL FRANCESA: DA PROMOÇÃO E DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO  
DA DÉCADA DE 1920, AO FIM DA II GUERRA MUNDIAL**

**CV**

Joana Lucas é Doutorada em Antropologia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Tem trabalhado as questões do turismo e multiculturalismo em perspectiva histórica.

**Abstract**

Esta comunicação terá como base parte da investigação realizada no âmbito de uma tese de Doutoramento em Antropologia, que se debruçou fundamentalmente sobre as conexões entre o turismo e as políticas imperiais francesas para os territórios da África Ocidental Francesa, com especial incidência sobre o território da Mauritânia.

Nesta pesquisa procurou-se perceber, aprofundar e problematizar as relações entre o império colonial francês e a promoção do lazer e do turismo nos territórios da África Ocidental Francesa (da qual faziam parte o Senegal, Guiné, Costa do Marfim, Daomé, Mauritânia, Sudão francês, Alto-Volta e Níger). Nesta apresentação procurar-se-á discutir o papel que o turismo teve na construção de uma política imperial na Mauritânia, i.e., até que ponto o turismo integrou as políticas imperiais, e que meios e métodos foram mobilizados para promover uma política turística nestes territórios.

Desta forma começaremos por discutir as formas encontradas pela administração colonial francesa para se envolver no desenvolvimento do turismo na África Ocidental Francesa a partir da década de 1920 (estruturas administrativas, campanhas de promoção, etc.), mas com maior ênfase a partir da década de 1930. O material de arquivo existente (essencialmente presente nos Archives d’Outre-Mer de Aix-en-Provence), providenciou dados significativos para a análise das relações estabelecidas entre a administração colonial francesa e empresas privadas ligadas ao sector do turismo.

Neste contexto o papel particular do exército é de extrema importância, especialmente no Saara. Aqui o exército não só assegurava a protecção dos viajantes, como também contribuiu para consolidar uma rede de vias de circulação e de hotéis. Desta forma o Saara é um bom exemplo do que foi a visão imperial francesa relativamente à criação e manutenção de uma rede de estradas e hotéis multifacetada ligando desde o início da década de 1920 o Magrebe e a África subsaariana.

Efectivamente, para os militares das administrações coloniais, o território da África Ocidental Francesa na sua globalidade, e em particular o deserto do Saara, representava, sobretudo no intervalo entre a I e a II Guerras Mundiais: 1918 e 1939, um espaço de liberdade que respondia às suas necessidades e anseios por autonomia e aventura longe de um território europeu bastante fustigado. É precisamente neste intervalo de tempo (1918-1939) que são produzidos de forma mais abundante os primeiros textos que incentivavam a presença de turistas franceses em territórios da África Ocidental Francesa de forma regular e organizada.

Entre 1939 e 1945, o período de duração da II Guerra Mundial, não foram encontrados quaisquer registos de publicações turísticas (guias, brochuras) no que diz respeito aos territórios da África Ocidental Francesa. No entanto, é possível encontrar relatos de viagens turísticas realizadas neste intervalo, o que nos leva a inferir que, apesar da guerra, continuavam a ter lugar expedições realizadas de forma autónoma. Os guias turísticos para os territórios da África Ocidental Francesa voltam apenas a ser publicados a partir de 1947.



## JOAQUIM RODRIGUES (IHC, FCSH/NOVA) - «O JARDIM DE PORTUGAL» – TURISMO E LAZER NO ALGARVE DURANTE AS DUAS GUERRAS MUNDIAIS

### CV

Joaquim Rodrigues é licenciado em História pela Faculdade de Letras de Lisboa e professor efectivo do Ensino Secundário e investigador associado do IHC. Tem-se dedicado ao estudo do Algarve, nomeadamente durante a I Guerra Mundial.

### Abstract

Desde o século XIX que paulatinamente despontava a indústria do futuro. Pelo seu clima excepcional o Algarve evidenciava grandes potencialidades para o seu desenvolvimento, travado, todavia, pelas péssimas vias e meios de transporte e de comunicação que existiam. Ao clima associavam-se as praias, o termalismo (Caldas de Monchique), as belezas naturais e o seu património histórico.

Frequentemente surgiam na imprensa algarvia e em publicações especializadas artigos de propaganda, descrevendo as suas diferentes belezas, constatando-se a nítida percepção que já se tinha do seu potencial turístico e, obviamente, económico. Houve alguma utopia, mas muito do que viria a ser o turismo no Algarve estava já nas penas de muitos publicistas.

Defendia-se a utilização dos modernos meios de informação e de divertimento para *vender* o turismo. Este seria uma actividade económica a implementar, tendo em vista o turista norte-americano que passava as férias na Itália, no Egipto e na Grécia. Para atrain-lo a Portugal e, obviamente, às cálidas praias do Sul, nada melhor que uma boa propaganda, principalmente o «film, *que na America é uma perfeita loucura!*».

A frequência das suas mais afamadas praias – Praia da Rocha, Monte Gordo, Armação de Pêra, Albufeira, Quarteira, entre outras -, começara nos princípios do século XIX.

Nem as dificuldades trazidas pela I Guerra Mundial, nem o surto de pneumónica no final daquela, foram suficientes para afastar os endinheirados e não só das delícias do

mar algarvio. Os jornais compraziam-se a fornecer os nomes dos abastados veraneantes e a narrar as inumeráveis actividades (festas, kermeses, bailes, óperas, teatro, recitação de poesia, concursos), que proliferavam.

Para atrair as multidões de turistas era imprescindível possuir equipamentos, como *hotéis*, campo de *ténis*, de *footboal*, de *golf*, regulamentar o *jogo*, observar a higiene, organizar uma eficaz distribuição de água e abrir esgotos, destruir as pragas de mosquito e moscas que infestavam grande parte da província, arborizar as estradas, entre muitas outras medidas.

No Congresso Regional Algarvio, realizado na Praia da Rocha, em 1915, impulsionado por Tomás Cabreira, o tema do turismo foi um dos mais glosados.

As festas da padroeira de Loulé (N. Sra. da Piedade), foram outro importante momento de lazer e de devoção para os crentes louletanos e não só, apesar da promulgação da Lei de Separação do Estado e das Igrejas (20/04/1911), que não chegou para interromper as festividades, embora tenha sido pontuadas por algumas quezílias político-religiosas.

O eclodir da II Guerra Mundial não fez esmorecer os apaixonados do mar, visto que a mocidade encontrava-se «*alheia às complicações de Dantzig*». Mas não deixaria de fervilhar os espíritos que seguiam atentamente o desenrolar das suas peripécias: Em Quarteira, «*O assunto de todas as conversas é a guerra que vai lançar a velha Europa numa grande fornalha. Às horas a que a Emissora transmite notícias, à volta do Pavilhão-Praia aglomera-se centenas de pessoas de todas as classes para ouvirem os ecos da luta em terra e mar e o que mais choca é verem-se mulheres de trajas humildes, comovidas pela apreciações que a propósito se fazem, deixando deslizar furtivamente lágrimas evocadoras talvez de lutas passadas e temerosas de tragédias futuras*».

Ainda naquela praia, na Esplanada (1940) – outro fervilhante centro de convívio – projectavam-se filmes e ressoavam as notas musicais dos concertos de *jazz*, tudo muito concorrido. Não queremos deixar de referir aos emblemáticos cafés *Isidoro* (1942) e *Calcinha* (1944-45).



No Algarve, em Abril 1942, foram «proibidas a utilização de máquinas fotográficas em locais considerados estratégicos ou a feitura de pinturas ou desenhos desses locais». Situação que afectava já o turismo da região como reconhecia, uma carta datada de 15 de Maio de 1943, endereçada ao director da PVDE, ao informar que «acontece que vários organismos de turismo têm necessidade de fotografar alguns dos pontos indicados ... como zonas proibidas de se tirarem clichés, para efeitos da propaganda turística».

No âmbito da política de turismo, implementada pelo Secretariado da Propaganda Nacional (António Ferro), foi inaugurada em Abril de 1944, a Pousada de S. Brás de Alportel.

Também em Loulé, se realizaria o famoso Carnaval, ao qual acorriam muitos foliões da localidade e de fora dela. Entre 1942-1945, em virtude da guerra, o curso seria interrompido.

## DÉBORA CARDOSO (ISCTE) - A EXPOSIÇÃO MUNDO PORTUGUÊS (1940) – ENALTECER PORTUGAL EM TEMPOS DE GUERRA

### CV

Débora Cardoso é Mestre em História Moderna e Contemporânea. Exerce funções de historiadora na empresa Sport Lisboa e Benfica, inserida no projeto Museu Cosme Damião.

### Abstract

Nas primeiras páginas dos jornais do dia 27 de Março de 1938 foram anunciadas as comemorações do duplo centenário da Fundação e Restauração de Portugal. Esta era a ocasião para manifestar o orgulho português, caracterizada pelo Presidente do Conselho, António Salazar como uma «Era de engrandecimento<sup>1</sup>».

Em 1940 decorreram em Portugal as Comemorações dos Centenários – da Independência de Portugal (1149 – oito séculos) e da sua Restauração (1640 – três séculos) – de cujo programa sobressai a Exposição do Mundo Português, um dos eventos culturais mais destacados do Estado Novo. Belém foi o local estabelecido para a implantação do certame, organizado em torno da então criada Praça do Império. Escolha intencional, que validava o discurso historicista da Exposição, ancorado exclusivamente em momentos notáveis do passado da nação, elegendo elementos alusivos aos Descobrimentos – Mosteiro dos Jerónimos, rio Tejo, Praça Afonso de Albuquerque e Torre de Belém.

A junção das duas datas facilitou as celebrações não sendo necessária uma justificação e sendo, por isso, encaradas estas festividades com naturalidade. A razão das comemorações visava também, para além da exaltação das duas datas, uma chamada de atenção para as várias carências do país, como por exemplo, obras inacabadas e projectos por realizar.

<sup>1</sup> *Diário de Notícias*, 27 de março de 1938, p. 1



Estas comemorações seriam, pois, um pretexto par a realização de uma grande exposição a nível internacional, com inspiração nas pegadas que os portugueses deixaram ao longo da História e os vestígios que deixaram no mundo. Com a inauguração desta exposição deveria construir-se uma ideia de capital de Império.

No entanto, em Setembro de 1939 deflagrou a Segunda Guerra Mundial e Portugal assumiu a sua posição neutral nesse conflito. Com isto, a Exposição fecha-se e reduz-se a uma dimensão nacional, sendo que serviu para tornar esta exposição um exemplo de confiança e de consciência da história portuguesa.

Para além de promover o turismo e a História de Portugal, poderá a Exposição ser considerada um instrumento de propaganda do Estado Novo, de modo a engrandecer o Nacionalismo português? Até que ponto se pode relacionar com o conflito mundial?

**ROGÉRIO MIGUEL PUGA (FCSH/NOVA) - A GUERRA COMO VIAGEM GEOGRÁFICA E AUTOBIOGRÁFICA EM A MALTA DAS TRINCHEIRAS. MIGALHAS DA GRANDE GUERRA: 1917-1918 (1918), DE ANDRÉ BRUN**

**CV**

Rogério Miguel Puga, doutorado em Estudos Anglo-Portugueses. É Professor Auxiliar Convidado da FCSH, investigador do CETAPS e do CHAM (FCSH/NOVA) e Professor Auxiliar Convidado no IADE.

**Abstract**

Em 1918, o escritor André Francisco Brun (1881-1926) publica as suas memórias pessoais da Primeira Guerra Mundial (*A Malta das Trincheiras. Migalhas da Grande Guerra: 18917-1918*), ao longo das quais descreve a sua chegada a França e as viagens no teatro de guerra, referindo ainda o regresso a Portugal. É através da representação irónica, anti-épica e autoreflexiva desse conjunto de micro e macro-viagens que compõem a sua experiência bélica, bem das sucessivas tragédias dos “companheiros de trincheira” a quem dedica a sua obra autobiográfica, que André Brun ‘plasma’, de forma subjectiva, a ‘frente’ anglo-portuguesa e a participação lusa na ‘guerra que poria fim a todas as guerras’, dimensões e temáticas que analisaremos ao longo do nosso estudo.



**MARGARIDA PORTELA (IHC, FCSH/NOVA) - RAUL DE CARVALHO – UM MÉDICO DA GRANDE GUERRA A CAMINHO DO FRONT. UMA VIAGEM DE TURISMO UM TANTO OU QUANTO SUI GENERIS.**

**CV**

Margarida Portela (n. 1976) é Doutoranda em História Contemporânea, no Instituto de História Contemporânea (IHC) da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (2013 – 2017). Presentemente encontra-se a desenvolver investigação para o tema “O Serviço Médico Militar Português durante a Grande Guerra”, título da sua tese, registada em Novembro de 2014.

**Abstract**

Em Raul de Carvalho, médico analista mobilizado para o Corpo Expedicionário Português em França, encontraremos o ponto fulcral da presente comunicação, não pelo trabalho que o mesmo viria a desenvolver nos Serviços de Saúde Médico-Militares portugueses, instalados na Frente Ocidental, mas pela viagem que efectuaria rumo ao local, bem como pelas memórias de um percurso que, feito durante a guerra, podemos considerar um tanto ou quanto invulgar. Registado nos seus cadernos de memórias, publicados em 2014 com o título *Quando Raul foi à Guerra. Memórias de um médico português na I Guerra Mundial*, veremos que Raúl continuaria a encher os mesmos de notas, divagações e recordações, muito depois da deslocação terminada, já no cenário do conflito. Contudo, o objectivo da presente comunicação encontra-se na análise do seu “ponto de partida”, na génese do seu diário de guerra. Em suma, começaremos e acabaremos retidos sempre nas referências ao início do seu percurso, rumo ao desconhecido, e na viagem que assim efectuou.

Sábado, 24 de Março de 1917. Este dia marcaria o princípio da viagem de Raúl de Carvalho rumo a França, bem como o iniciar da descrição da mesma, que faria em companhia de outros médicos do Serviço de Saúde do Corpo Expedicionário Português (CEP), destinados aos serviços da Base, na retaguarda. Como oficiais-médicos designados para estes serviços, de apoio e suporte às linhas da frente, e enquanto médicos e técnicos especialistas em áreas como a Análise Clínica ou a Oftalmologia,

fora-lhes permitida a deslocação de comboio, atravessando a Espanha neutral, rumo a Paris, de onde seriam posteriormente transportados para norte, em direcção a uma zona da França visivelmente mais comprometida na campanha contra os Alemães.

O percurso será mais do que uma simples deslocação para o *Front*. E Raul de Carvalho descreverá pormenorizadamente toda esta viagem, nesse caminhar conjunto que dividirá com outros especialistas do Serviço de Saúde do CEP, como os médicos Mário Moutinho ou Carlos Santos. Todos haviam sido autorizados a efectuar a viagem com os olhos da Guerra, da Medicina e do Lazer. Da Guerra pois eram oficiais-médicos, mobilizados num contexto de conflito e de combate. Da Medicina, pois tinha-lhes sido permitido visitar hospitais, consultórios de clinica privada, laboratórios ou até mesmo o Val-de-Grâce, com o seu museu e com os seus objectos, moldes e próteses. Do Lazer, pois foram a teatros, visitaram igrejas e abadias, restaurantes e hotéis, Lourdes e Paris. Este é uma forma diferente de ver parte da “Europa em Guerra”, que reflecte, pese embora de forma parcial e condicionada, alguns itinerários de viagem dos anos de 1917 e 1918. Uma viagem de um turismo *sui generis*, um certo “turismo de guerra”, que nos permitirá um olhar diferente sobre o conflito e sobre os locais afectados, demonstrando-nos a vivência do dia-a-dia e o acolhimento ao viajante, entre tantos outros pormenores. Com base em memórias de um militar médico, poderemos compreender quão importantes são estas fontes de conhecimento, não apenas para entender a guerra e os seus trajectos, mas a vida das povoações, vilas e cidades daquela mesma época, ou a experiência que se podia ter em locais anteriormente turísticos e que, finda a guerra, retornarão ao seu mesmo estatuto de estâncias de turismo e lazer ou locais privilegiados de visita e viagem. Tudo pelos olhos de um médico que avaliará igualmente a forma como se deslocará no espaço mas em outros tempos, os tempos do futuro. E que se indagará da forma como irá efectuar os mesmos percursos com a sua esposa – ou até outros, por desaprovação de alguns daqueles seus itinerários! – num pós-guerra aguardado ansiosamente.



## SÉRGIO REZENDES (IHC, FCSH/NOVA) - LIEUTENANT WALTER S. POAGUE, OF THE US MARINE CORPS: AN AMERICAN VIEW OF AZORES IN 1918

### CV

Sérgio Rezendes é doutorando em História. Tem como interesses de investigação a história militar e patrimonial dos Açores.

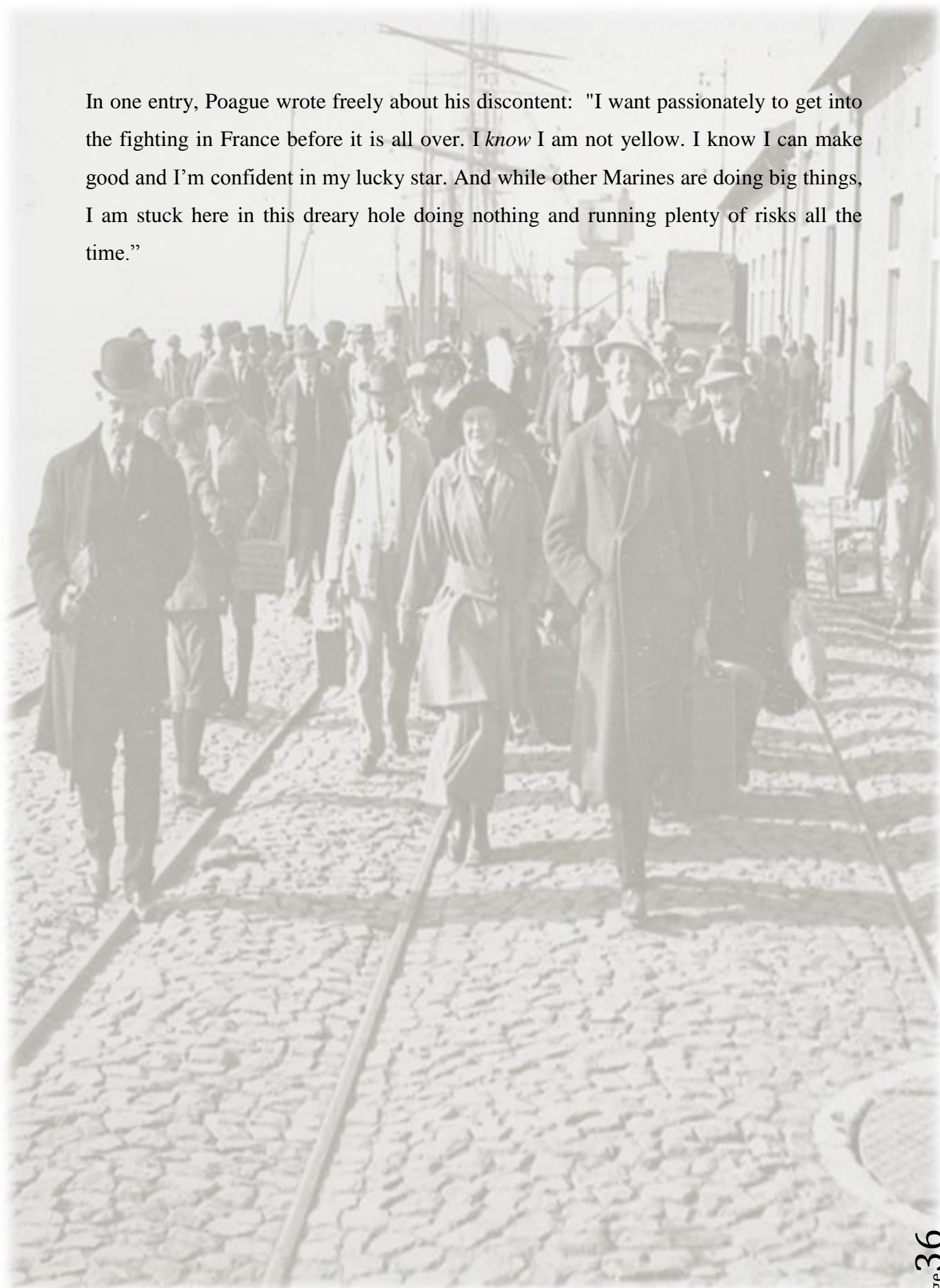
### Abstract

"Walter Poague was a young American Marine aviator who came to Ponta Delgada in 1918 as part of the troops to establish the United States naval base in São Miguel. During his time here, he kept a daily diary detailing both his personal and professional life. Eleven months after his arrival and less than a month before the end of the war, Poague was killed in a training exercise over the sea.

He arrived here, completely enchanted with the island's scenery, its buildings, and its people. Only months later, he was disillusioned with everything, and disappointed with São Miguel and its people. Why did his opinion change so quickly and so harshly? The specific reasons are a bit vague, most likely they came from frustration, rather than anything to do with our island. Poague had hoped to make a real contribution to the war effort and instead found himself far from any military action. He was bored, full of guilt that he was not making a proper contribution. Perhaps it was these feelings that led to his change of heart.

Poague was a wealthy, well-educated young man, a banker, from Chicago who had joined the Aviation unit out of patriotic duty. Instead of combat, his responsibilities were limited to air flight training, officer-of-the-day duty, and sitting on the court martial board. Luckily, he also had a passion for the theater. As he had written several plays and some poetry, Poague was asked to take responsibility for providing entertainment for the locals and the troupes which would also raise money to benefit the Portuguese Red Cross.

In one entry, Poague wrote freely about his discontent: "I want passionately to get into the fighting in France before it is all over. I *know* I am not yellow. I know I can make good and I'm confident in my lucky star. And while other Marines are doing big things, I am stuck here in this dreary hole doing nothing and running plenty of risks all the time."





## PEDRO CERDEIRA (IHC, FCSH/NOVA) - SOLDADOS INGLESES DOS DARDANELOS EM PORTUGAL: TURISMO E ESFORÇO DE GUERRA

### CV

Pedro Cerdeira é mestre em História (especialização em História Contemporânea) pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, com a dissertação *A Sociedade Propaganda de Portugal: Turismo e Modernidade (1906-1911)*. É, na mesma instituição, investigador integrado do Instituto de História Contemporânea (IHC).

Actualmente, é bolseiro de investigação do projecto *KLIMHIST: Reconstrução e simulação do clima em Portugal através de fontes documentais e instrumentais (séculos XVII-XIX)* no IHC – Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência (IHC-CEHFCi) da Universidade de Évora.

### Abstract

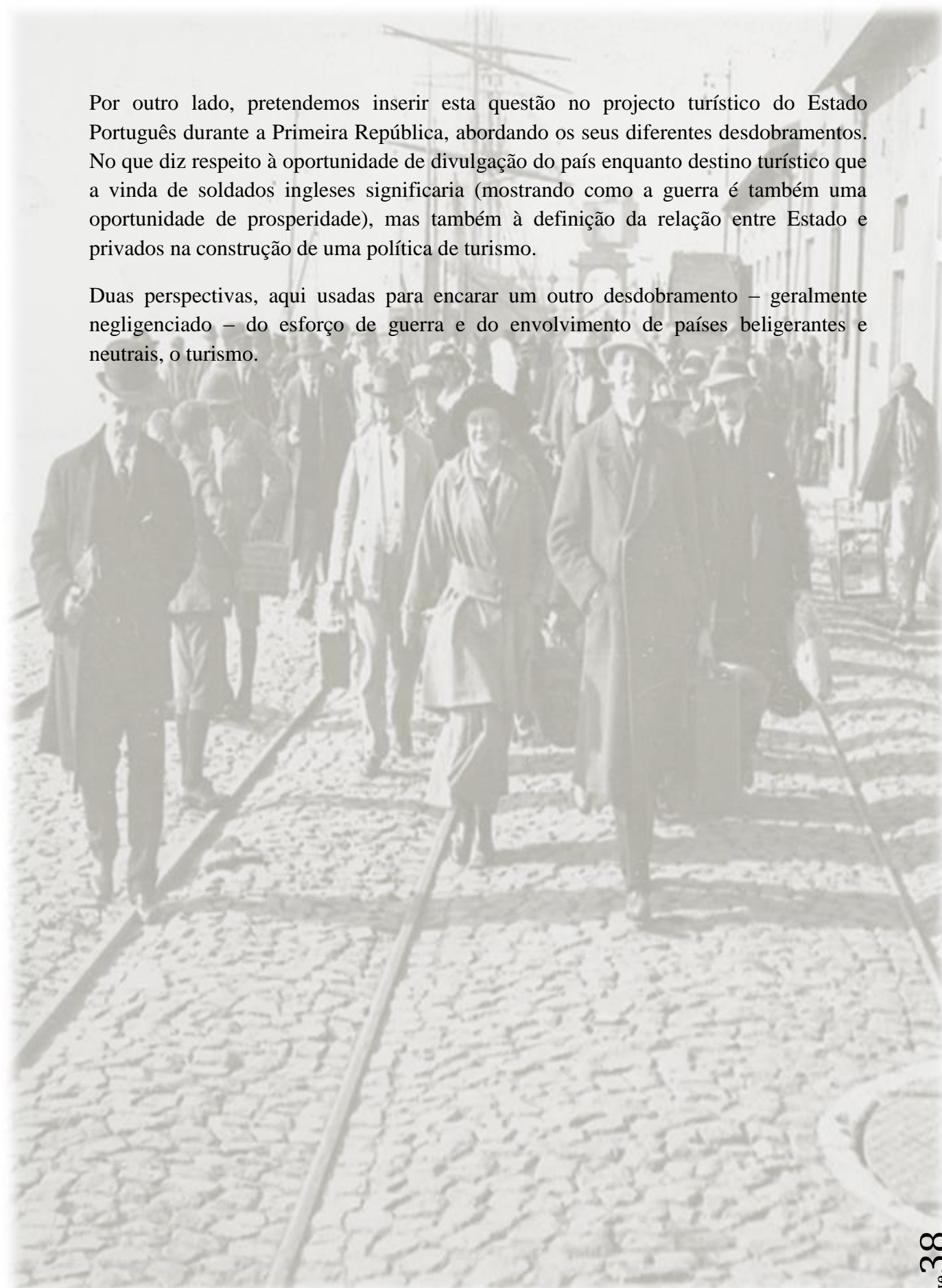
Em Junho de 1915, Alberto Rowe, director-gerente da Anglo Portuguese Tin Company, sugere ao governo português que se disponha a receber soldados ingleses feridos no estreito dos Dardanelos, na frente oriental, nas estâncias termas portuguesas, tanto pelos benefícios políticos como pela propaganda que isso faria entre as elites inglesas. Portugal teria o clima e os custos ideais para acolher esses feridos.

O governo português confia a José de Ataíde, director da Repartição de Turismo do Ministério do Fomento, a tarefa de perceber as reais possibilidades de Portugal ser o local de tratamento e convalescença desses feridos. Ataíde, com o seu habitual entusiasmo, lança-se nesse projecto, levando a cabo uma série de diligências. Chega a sugerir ao governo a possibilidade de hospitalizar 5000 indivíduos. No entanto, e apesar de a opinião pública e a imprensa terem acompanhado o caso com interesse, nada foi feito.

Esta comunicação debruça-se sobre esta história interrompida, sob duas perspectivas relacionadas com a participação de Portugal na guerra, agora aplicadas à questão turística. Por um lado, pretende-se analisar o caso enquadrando-o nos debates em torno da intervenção de Portugal na guerra e do apoio a prestar à aliada inglesa – o que ele significa em termos de mobilização da classe política e da sociedade no geral em torno da defesa do esforço de guerra aliado. A guerra era também uma oportunidade de conseguir uma maior aceitação internacional para a jovem República Portuguesa. A mobilização da sociedade civil em Portugal para o esforço de guerra é um tema ainda pouco estudado, para o qual esta comunicação pretende ser um contributo.

Por outro lado, pretendemos inserir esta questão no projecto turístico do Estado Português durante a Primeira República, abordando os seus diferentes desdobramentos. No que diz respeito à oportunidade de divulgação do país enquanto destino turístico que a vinda de soldados ingleses significaria (mostrando como a guerra é também uma oportunidade de prosperidade), mas também à definição da relação entre Estado e privados na construção de uma política de turismo.

Duas perspectivas, aqui usadas para encarar um outro desdobramento – geralmente negligenciado – do esforço de guerra e do envolvimento de países beligerantes e neutrais, o turismo.





**FERNANDO JOÃO MOREIRA, CONCEIÇÃO MACHADO E MARIA JOSÉ AURINDO (ESHTE): MUVITUR (VIRTUAL MUSEUM OF TOURISM) – A JOURNEY THROUGH WAR IN THE LAND OF HOLIDAYS**

**CV**

Conceição Machado has a degree in History and a Diploma of the Doctorate Program in History at the University of Salamanca. Studied Information Sciences - Library / Documentation Branch and Tourism/ Strategic Management of Touristic Destinations Branch. At present as ESHTE Library coordinator is responsible for the planning and development of the library's activities and co-responsible of the Virtual Museum of Tourism project implementation team.

Maria José Aurindo has a degree in Human Geography and Regional Development by FLUL, and studied Tourism Management of Places at INP and Anthropology of Space - Tourism Anthropology for her MA by FCSH-UNL. She is a Técnico Superior at ESHTE's Library, where she's part of the MUVITUR (Virtual Museum of Tourism) team.

**Abstract**

With the development of computers, communications and the digital world, the concepts of digital and cyber museums are being explored and transformed into (a virtual and sometimes physical) reality. Virtual museums play an innovative role and give new understanding to some of the key concepts that are usual to Museology: that's the situation for authenticity which in the VMs case has its focus not in the object itself, like the physical museum, but in the information.

The main idea presented in this project intends to acknowledge and honour the touristic activity as one of the major phenomenons of last century social and economic life. It has its focus on finding a strategy to preserve the worldwide history of tourism and at the same time being able to provide a gateway to a public service of world-wide knowledge on one of last century main activities.

MUVITUR wishes to throw light on sets of images of place and landscape worthy of study in their own right as a historical record of the ways in which Europe and the world has been conceived and portrayed for touristic purposes over the past 150 years.

The online platform that will be the essence of MUVITUR will in fact benefit from the excellent opportunity for each of the partner institutions or individuals to preserve, store and share information's (images and texts) making them available for wide dissemination and production of new knowledge products. These partnerships led to the development of a virtual museum platform devoted to tourism history and will eventually foster the growth of much more ambitious joint projects, with special focus on how technology can be embedded into curatorial and museum practices.

MUVITUR will comprehend three main domains of development: exhibitioner, searchable archives, and community services. The museum will have the following main functional areas: permanent exhibition, temporary exhibition, touristic 'ambientário', online shop, online forum and virtual conferences room, educational and research support services.

So, this project aims to help establish an online database of documents and artefacts produced for and by the touristic related entities (promotional and commercial stakeholders) that are an important source of information for reconstruction of environments and imageries, aiming, to make museum's offerings to find better media modes to communicate cultural knowledge and at same time, offering more interactive narrative-driven and widely accessible.

MUVITUR aims to be an Innovation hub, where a community of universities, hotels, travel companies, and other tourism related activity entities gather, collect and combine a diversity of documents, objects, images, commodities, *memorabilia* and experiences related to the history of tourism activity and tourism destinations, covering a wide range of themes such as history, sociology, geography, marketing, national identities, amongst many others.



That is exactly why we looked at this presentation here as relevant and timely framed. It's possible and desirable to set out main realms of touristic development (with the attractive resources and motivations that justify the travel movements, the demand and supply and income flows) in order to organize materials and provide a richer view of tourism history development.

Instead of the focus on what impacts negatively on tourism, we emphasize the other side of the war periods impacts on tourism as for example when major wars, getting tourism to a 'virtual standstill' (Jafari, 2000) we may discover while travelling MUVITUR.

That was the case for the sinking of the glamorous world of the "Belle Époque" when the front line of the First World War runs through the former holiday landscape, turning hotels into hospitals; but also working as a pull factor when the Front and its trenches become a tourist attraction stilted for example by movies about the Dolomites Front which fed the fighting contribute to the myth of the Alps.

Or Hotel Palácio Estoril as a refuge, or a playground of the western world, as some have called it, when the second world war drove tourists to visit 'safe' areas where they could feel safe, as was neutral Portugal and the triangle Estoril-Cascais-Lisboa in particular, that was to be known as the House of Kings or Home of Spies.

## CÂNDIDA CADAVEZ (ESHTE) – O PORTUGAL DO SOL E DO RISO EM TEMPO DE GUERRAS

### CV

Professora equiparada a adjunta na Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril. Investigadora integrada no Centro de Estudos de Comunicação e Cultura da Universidade Católica Portuguesa, investigadora colaboradora no Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa, e investigadora voluntária na Fundação António Quadros – Cultura e Pensamento.

### Abstract

Esta comunicação apresenta e discute o protagonismo atribuído ao setor turístico pelo regime de Salazar, que, principalmente nos anos de implantação do novo paradigma governativo, coincidentes, em parte, com a Guerra Civil Espanhola e com a Segunda Guerra Mundial, utilizou esta atividade como mais um instrumento de propaganda para se apresentar e (auto)validar.

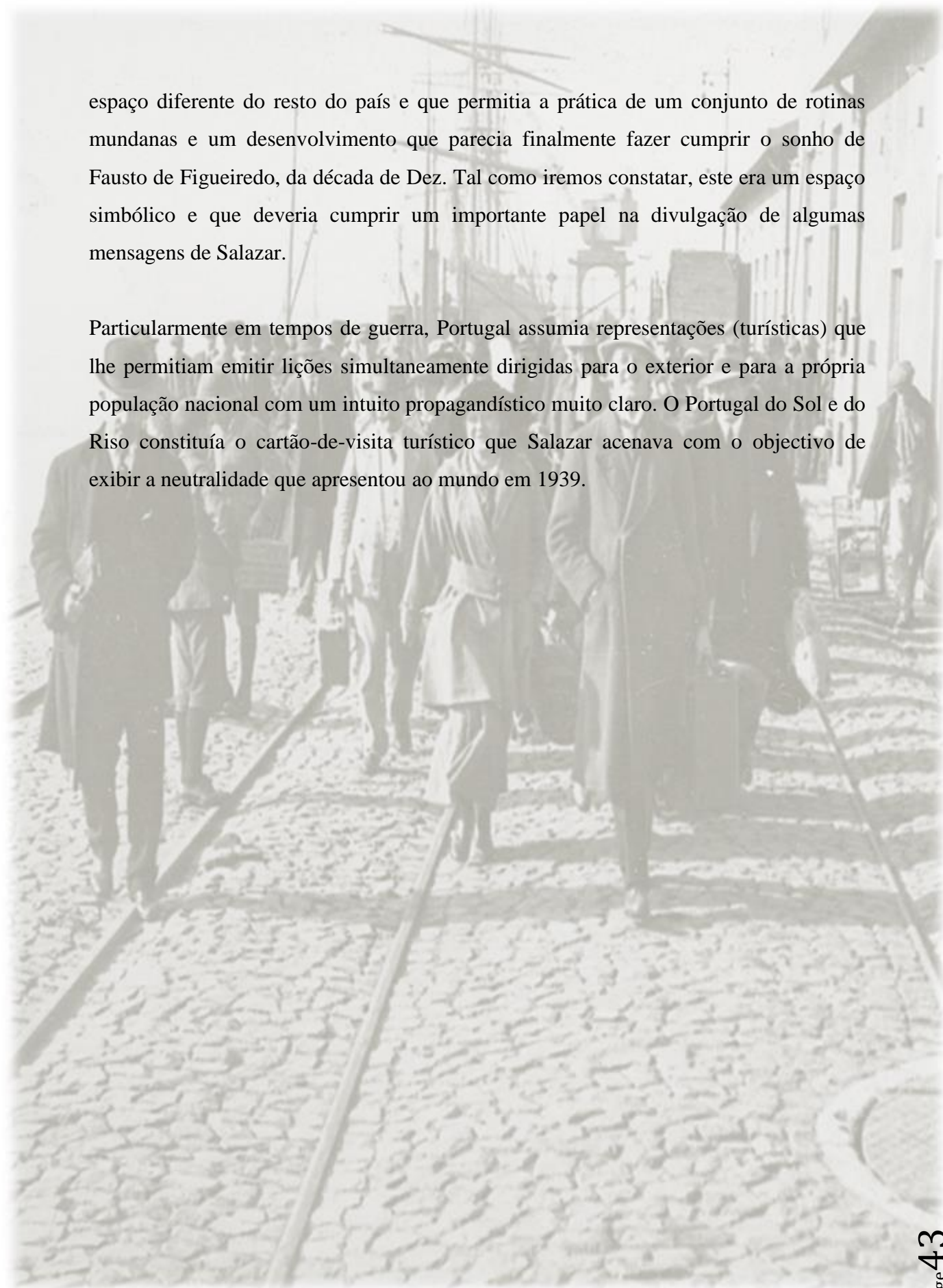
Em 1940, na inauguração da Estalagem do Lيدador, em Óbidos, António Ferro, o responsável pela imagem da “Nação” entre 1933 e 1949, afirmou que Portugal se havia tornado “a casa de repouso duma Europa combalida, fatigada e doente, o seu jardim em flor, a sua mais bela pousada” (Ferro, 1919: 54), evocando, assim, todos os fluxos de viajantes (turistas ou refugiados) que cá acorriam por esses tempos. Porém, já por ocasião da Guerra Civil Espanhola, Portugal começara a desempenhar o papel de destino de acolhimento de visitantes em busca de um local que lhes permitisse continuar a desenvolver práticas de lazer interrompidas pelos conflitos que grassavam nos seus espaços de origem.

Terá sido, contudo, no final da década de Trinta e nos primeiros anos de Quarenta que, sobretudo na zona denominada como Costa do Sol, a “Nação” cumpriu, principalmente aos olhos do regime, o papel indicado por Ferro. Assim, a faixa costeira que começava em S. Julião da Barra e terminava no Guincho viu-se, nesse âmbito, transformada num



espaço diferente do resto do país e que permitia a prática de um conjunto de rotinas mundanas e um desenvolvimento que parecia finalmente fazer cumprir o sonho de Fausto de Figueiredo, da década de Dez. Tal como iremos constatar, este era um espaço simbólico e que deveria cumprir um importante papel na divulgação de algumas mensagens de Salazar.

Particularmente em tempos de guerra, Portugal assumia representações (turísticas) que lhe permitiam emitir lições simultaneamente dirigidas para o exterior e para a própria população nacional com um intuito propagandístico muito claro. O Portugal do Sol e do Riso constituía o cartão-de-visita turístico que Salazar acenava com o objectivo de exhibir a neutralidade que apresentou ao mundo em 1939.



## ANTÓNIO PAULO DUARTE (IDN/ IHC, FCSH/NOVA) - O BRINQUEDO BÉLICO E O FENÓMENO DA GUERRA

### CV

António Paulo Duarte é Doutor em História e investigador do IHC. Tem como interesses de investigação a História Política e História Militar, estudos de Estratégia e Ciência Política e Relações Internacionais.

### Abstract

Desde os mais remotos tempos que terão existido brinquedos bélicos. Mas de que é que falamos quando nos referimos aos brinquedos de guerra? Por brinquedos de guerra podemos referir-nos a objetos que visam o entretenimento de crianças e adultos, reproduzindo artefactos e miniaturas de cariz bélico.

O presente estudo procura, ao descrever e estudar as características de alguns dos brinquedos bélicos mais contemporâneos, dissecar o fenómeno guerra, como se as formas que caracterizam estes objetos destinados ao manuseamento lúdico e ao entretenimento nos pudessem abrir os olhos para uma mais profunda compreensão daquilo que hoje, no ocidente, se considera uma tenebrosa e apocalítica atividade humana.

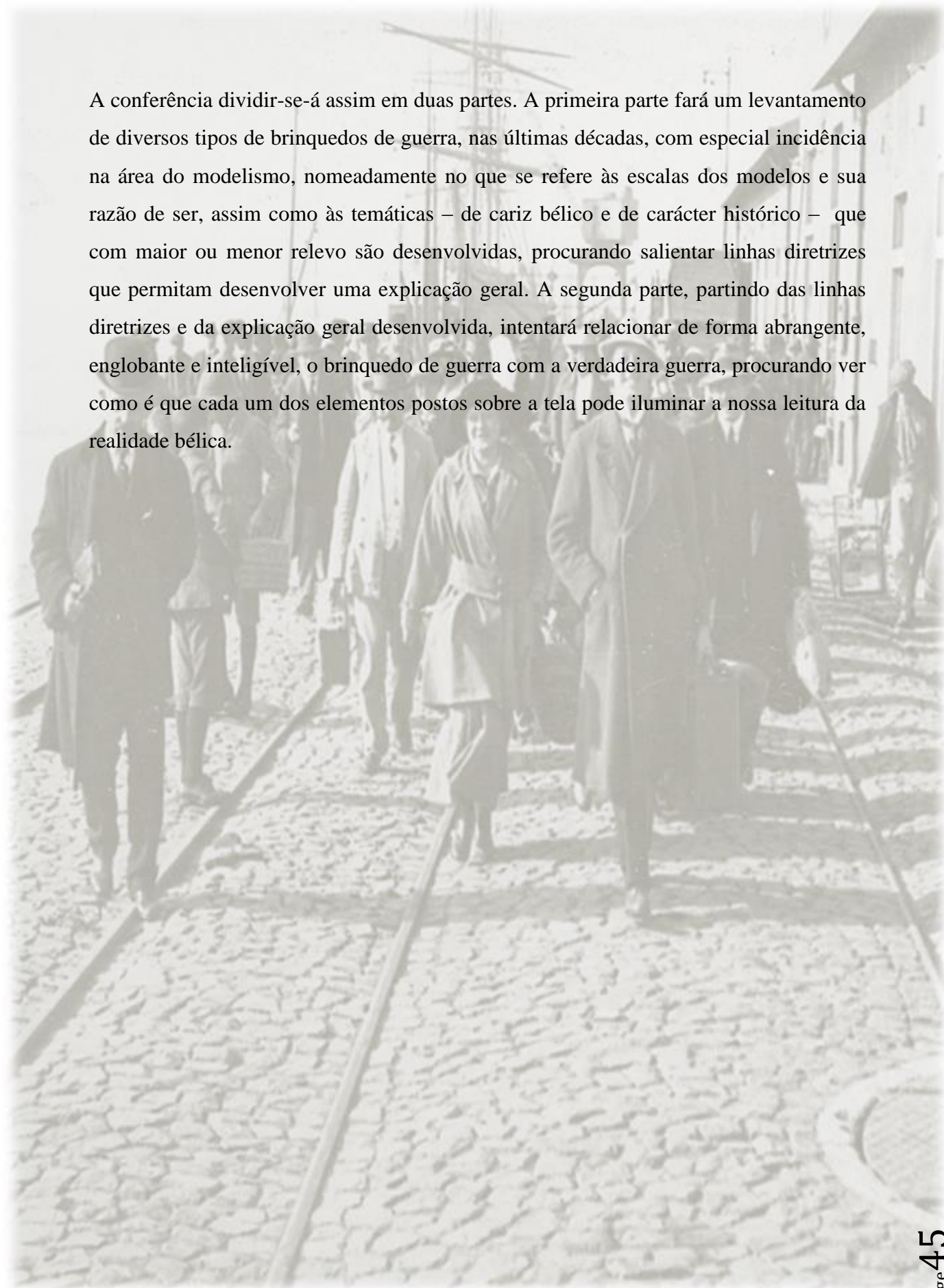
Na realidade, parece haver uma profunda contradição, um extraordinário paradoxo entre a verdadeira guerra e o brinquedo de guerra, entre aquilo que surge como algo de terrível, como uma atividade atroz (e maligna?), e o gozo lúdico e divertido, e até amoroso, que se deve retirar do brincar.

E todavia, pese a virulência que caracteriza a guerra, sempre a acompanhou o brinquedo de guerra, como se a violência bélica pudesse ser lúdica (ou positiva?).

Este é o propósito maior desta conferência: interpelar a relação entre a cultura lúdica do brincar às guerras e a verdadeira violentíssima e rude guerra.



A conferência dividir-se-á assim em duas partes. A primeira parte fará um levantamento de diversos tipos de brinquedos de guerra, nas últimas décadas, com especial incidência na área do modelismo, nomeadamente no que se refere às escalas dos modelos e sua razão de ser, assim como às temáticas – de cariz bélico e de carácter histórico – que com maior ou menor relevo são desenvolvidas, procurando salientar linhas diretrizes que permitam desenvolver uma explicação geral. A segunda parte, partindo das linhas diretrizes e da explicação geral desenvolvida, intentará relacionar de forma abrangente, englobante e inteligível, o brinquedo de guerra com a verdadeira guerra, procurando ver como é que cada um dos elementos postos sobre a tela pode iluminar a nossa leitura da realidade bélica.



## **RITA NUNES (IHC, FCSH/NOVA E COMITÉ OLÍMPICO DE PORTUGAL) - LAZER NO PÓS-GUERRA. OS JOGOS INTER-ALIADOS DE 1919**

### **CV**

Rita Nunes é doutoranda em História, especialidade em História Contemporânea na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. É investigadora integrada do Instituto de História Contemporânea da FCSH-UNL e directora do Gabinete de Estudos e Projetos do Comité Olímpico de Portugal.

### **Abstract**

Com o final da I Guerra Mundial a maioria dos milhares de soldados mobilizados em cenário de Guerra apenas pensavam em regressar rapidamente ao seu país e à sua família. Apesar da desmobilização se ter iniciado logo após a assinatura do Armistício, a 11 de Novembro de 1918, a imediata desmobilização não foi possível para todos os soldados.

Com o objetivo de manter esses homens ocupados, com actividades de lazer, confraternização e até de competição e superação, foram organizados os Jogos Inter-Aliados. A ideia da criação destes Jogos partiu do American Expeditionary Force (AEF) e do Young Men's Christian Association (YMCA) que sob o comando do General John J. Pershing, comandante das forças norte-americanas na Europa, iniciou os procedimentos necessários que levaram à organização dos Jogos Inter-aliados, também chamados de 'Olimpíadas Pershing'.

Os Jogos foram realizados em Joinville, nos subúrbios de Paris, entre 22 de junho e 6 de julho de 1919. Das vinte e nove nações convidadas, dezasseis aceitaram participar juntamente com França e Estados Unidos da América. Oriundos dos cinco continentes estiveram em prova cerca de 1500 atletas que competiram em 24 modalidades, durante 15 dias.



No sentido de serem evitados problemas com as organizações internacionais e com o Comité Olímpico Internacional, e para preservar o controlo dos Estados Unidos da América, foi decidido que apenas os militares que tinham participado na Guerra ou que tinham servido as forças militares dos países aliados durante os 52 meses de conflito poderiam participar nos Jogos.

Os EUA como país organizador e a França como anfitrião foram as nações mais bem sucedidas nos Jogos Inter-Aliados. Este sucesso também pode ser explicado pela dimensão das suas equipas, que em conjunto representaram cerca de um terço do total de participantes.

De acordo com relatório oficial do comité organizador dos jogos, Portugal participou com 51 atletas em seis modalidades: Boxe, Esgrima, Natação, Polo Aquático, Remo e Tiro.

Na Cerimónia de Abertura, realizada no Estádio Pershing, onde mais de vinte mil espectadores estiveram presentes, as delegações desfilaram frente à tribuna onde os presidentes Woodrow Wilson, dos Estados Unidos da América e Raymond Poincaré, de França, se encontravam.

Os resultados alcançados na modalidade de esgrima foram os que mais se destacaram na comitiva portuguesa. Três segundos lugares, e respectivas medalhas de prata nas competições por equipas, em Espada e em Sabre e na vertente individual, em Espada, conquistada pelo Tenente Jorge Paiva.

No final dos Jogos Inter-Aliados o Estádio Pershing, onde decorreram a grande maioria das provas, foi oferecido ao povo francês pelos Estados Unidos da América sendo ainda hoje utilizado como uma área de lazer e recreação ao ar livre.

**LUÍS COSTA (DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA VIDA, UC/ CRIA/ CIUHCT) -  
ADMINISTRAR O LAZER | UMA ESTÂNCIA DE FÉRIAS NA GUINÉ PORTUGUESA**

**CV**

Mestre em Antropologia Médica, com trabalho de investigação, desenvolvido na Guiné-Bissau, sobre a construção social da Lepra entre os felupes. Actualmente sou Doutorando em Antropologia Social e Cultural, a desenvolver projecto de investigação sobre a medicina colonial na Guiné Portuguesa, tendo já realizado trabalho de investigação de campo e de arquivo na Guiné-Bissau [com Bolsa FCT].

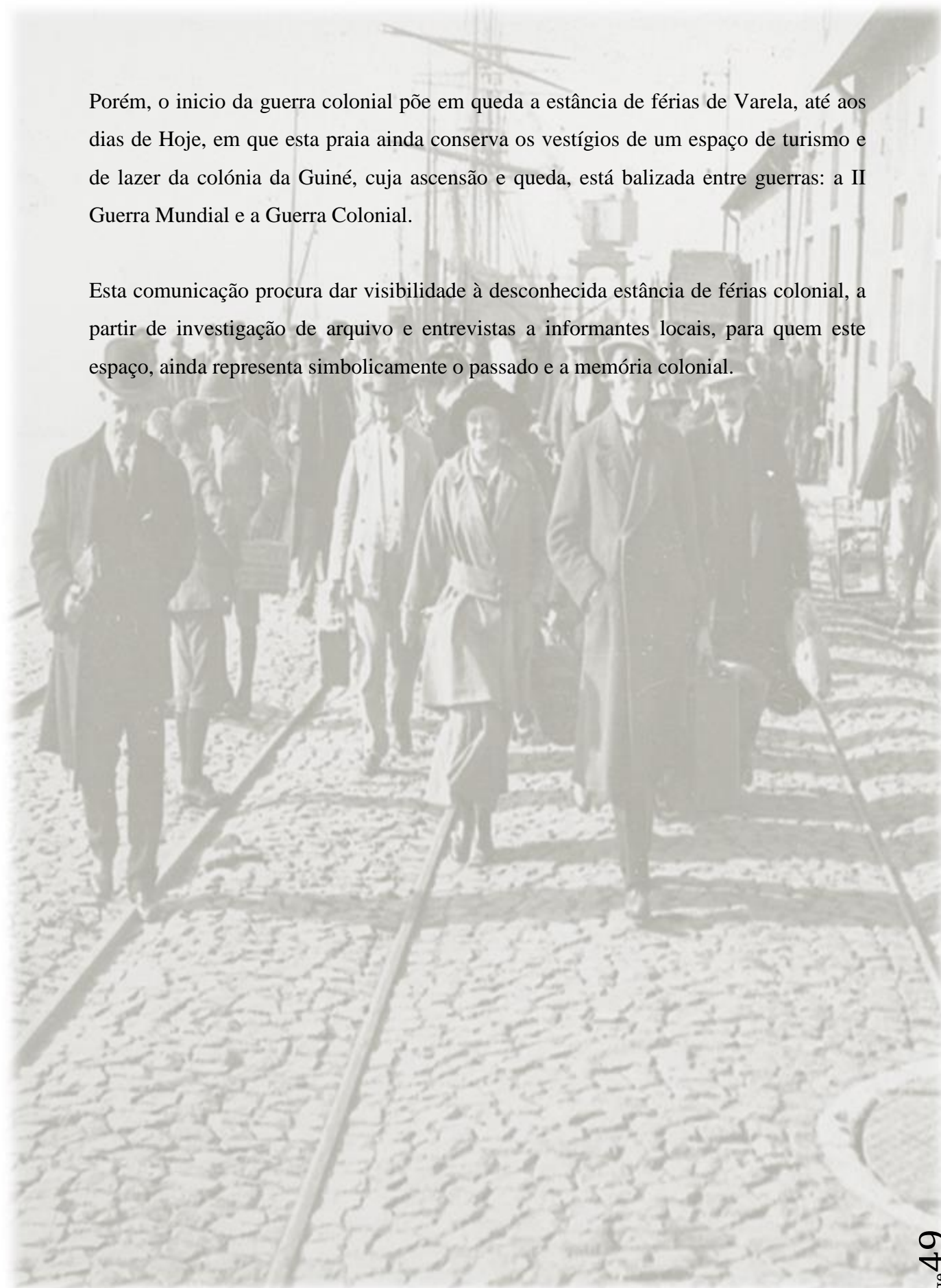
**Abstract**

Após a II Guerra Mundial, a colónia da Guiné Portuguesa, sob impulso do Governador Sarmento Rodrigues, entra na via da organização do território, da ocupação científica, do fomento e da construção de inúmeras obras, visando tornar a “Guiné melhor” pela via do progresso. Integrado neste projecto de desenvolvimento da colónia, estava o plano de construção e uma estância de férias na Praia de Varela, localizada a norte da colónia da Guiné (junto à fronteira da colónia francesa do Senegal). Data de 1947 o primeiro plano desta estância, com projecto do Gabinete de Urbanização Colonial. A estância, organizada sob a forma de um aldeamento de moradias de várias tipologias, construiu-se e passou a ser o destino de repouso e de férias da elite colónia, evitando a saída de funcionários para a Metrópole ou Cabo Verde, respondendo portanto à necessidade política de povoamento e enraizamento da população branca. Por outro lado, também se constituiu como espaço de atracção dos funcionários coloniais franceses, da colónia vizinha do Senegal. Portanto, esta estância emerge como um espaço privilegiado de encontro de elites e ao mesmo tempo, configura-se como ponto essencial da “ocupação turística” da Guiné colonial. A Estância de Varela, passou a funcionar como local de passagem obrigatória dos visitantes estrangeiros, testemunhando o desenvolvimento da colónia, funcionando assim, como veículo de propaganda. Esta estância atingiu tal projecção, que serviu de inspiração à administração colonial da colónia do Senegal, para a criação de uma estância do outro lado da fronteira, em Cap Skirring.



Porém, o início da guerra colonial põe em queda a estância de férias de Varela, até aos dias de Hoje, em que esta praia ainda conserva os vestígios de um espaço de turismo e de lazer da colónia da Guiné, cuja ascensão e queda, está balizada entre guerras: a II Guerra Mundial e a Guerra Colonial.

Esta comunicação procura dar visibilidade à desconhecida estância de férias colonial, a partir de investigação de arquivo e entrevistas a informantes locais, para quem este espaço, ainda representa simbolicamente o passado e a memória colonial.



## **IRENE VAQUINHAS (CHSC, FLUC) – UMA PRAIA EM TEMPO DE GUERRA: O CASO DA FIGUEIRA DA FOZ (1936-1945)**

### **CV**

Irene Vaquinhos é professora catedrática de História Contemporânea da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Portugal). Defendeu tese de doutoramento em 1991. É Diretora do 2º Ciclo em História, Especialização em Museologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Coordenadora Científica do Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra, unidade I&D da FCT.

### **Abstract**

Nesta comunicação é analisado o impacto da Guerra Civil espanhola e da 2ª Grande Guerra na praia da Figueira da Foz, tomando como base de pesquisa um núcleo diversificado de fontes manuscritas e impressas, tanto provenientes de arquivos locais como nacionais e internacionais. Sendo a cidade, desde finais do século XIX, local de destino de veraneantes espanhóis, o início da guerra civil espanhola vem alterar essa situação e reduzir o afluxo turístico, com repercussões na vida económica e social da localidade. Durante a 2ª Grande Guerra, a cidade será um dos locais escolhidos para “residência fixa” de refugiados, tendo a “infiltração estrangeira”, como era referida na imprensa, animado significativamente a localidade. O confronto destas duas situações, em períodos cronológicos distintos mas tendo como denominador comum a chegada de grupos numericamente significativos de estrangeiros em fuga dos confrontos bélicos e de várias formas de perseguição, permitirá tecer algumas considerações sobre o impactos das guerras a vários níveis, desde o turístico ao cultural passando naturalmente pela vida quotidiana.



**MARÍA ZOZAYA (CIDEHUS, UNIVERSIDADE DE ÉVORA) - POW'S TOURISM. VISITING MUSEUMS AND CITIES DURING TIME OF WAR. FROM MILITARY EXPEDITIONS TO CULTURAL LEISURE (1809-1814)**

**CV**

Maria Zozaya studied History in the Complutense University of Madrid (UCM), there was awarded with the BA prize of the Academic year (UCM, 1999) and the PhD Extraordinary Prize for doctoral dissertation in History (UCM, 2009).

**Abstract**

En la España del 1800, el mundo del ocio cultural estaba poco difundido entre todas las clases sociales. Apenas la élite aristocrática y religiosa o la realeza poseían sus gabinetes de curiosidades, galerías de arte y bibliotecas antiguas para el disfrute privado. Tampoco eran muchos los sectores sociales con el suficiente *capital cultural* como para poder estimar aquel disfrute y conseguir convertirlo en un verdadero foco interés. Algunos individuos intelectuales de la burguesía o los miembros secundones de la aristocracia contaban con la capacidad y la formación suficiente como para estimar el ocio cultural. Ese tipo de ocio cultural podía abarcar el interés por la visita a bibliotecas históricas, los libros incunables, los mapamundis antiguos, las piezas museológicas que ya eran míticas entonces, la visita a monumentos destacados o el turismo a villas conocidas por algún elemento corográfico o antropológico. Puede decirse que esa faceta cultural, ligada al saber y al mundo intelectual en sus amplias facetas, iba a convertirse en uno de los nuevos valores de la formación y del mérito que terminarían por ser -a la larga- una de las puntas de lanza del Liberalismo.

Por ello fue una gran oportunidad para el ingeniero militar José María Román conocer entre 1809 y 1814 la ciudad de Nancy, poder visitar sus bibliotecas y centros culturales, frecuentar su *exótico* barrio judío –casi una ciudad, pues albergaba la comunidad más grande de Francia- e incluso, viajar a los pueblos vecinos en las épocas de fiestas, dado el interés antropológico y corográfico que presentaban para él. Aún fue más positiva la oportunidad de poder visitar lugares que ya conocía por los libros: fue a los

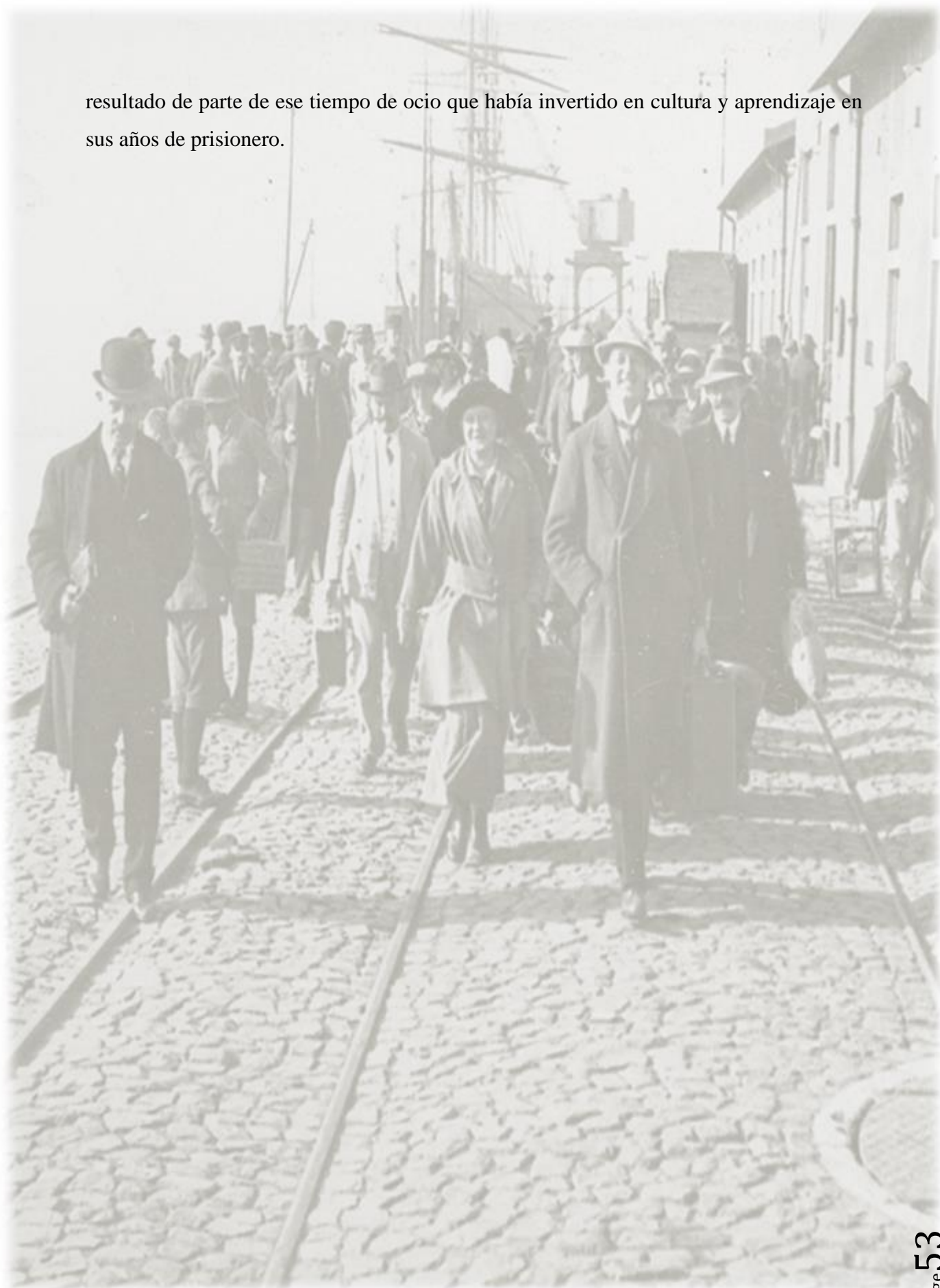
monumentos de París, vio en persona las piezas históricas que Napoleón expolió de Egipto o los Leones de San Marcos de Venecia, los mapas de Ptolomeo o pisó las salas del Louvre y de las salas que reunían los cuadros y armas españolas de colecciones palaciegas únicas, procedentes todas ellas del instinto depredador cultural del emperador Bonaparte.

Esa escena de ocio cultural no es tan idílica cuando contemplamos el factor de que ese ingeniero militar, si bien ofrece una imagen semejante a la de tener una beca de estudios, contaba con una situación bien distinta. En realidad era un prisionero de guerra que fue conducido a Nancy junto a sus compañeros (1809-1813), y después a Normandía –vía París con visita al Louvre incluida- a la ciudad de Caudebec (1814). Un prisionero de élite del estado napoleónico que, o bien gozó de libertad de movimientos, o bien se escapó de la tutela vecina, como en la segunda ocasión que visitó París en 1814, cuando era un fugitivo, como sus otros compañeros.

Esto nos lleva a plantear cuáles fueron los motivos de aquel interés intelectual; qué elementos motivaron que canalizase ese tiempo de ocio hacia el turismo cultural de naturaleza absolutamente voluntaria en tiempo de prisión (tal vez con más valor añadido por ser en tiempo de adversidad de las campañas napoleónicas). A mi juicio, ese turismo fue motivado en gran parte por su formación profesional. Primero, el interés que mostró por esas piezas y colecciones -muchas de las cuales conocía- estaba vinculado a sus años de estudio en la Real Academia de Ingenieros Militares. Segundo, el aumentar su conocimiento de los elementos corográficos y antropológicos se vinculaba a sus ansias de conocimiento y formación asociadas a que la profesión de ingenieros era una de las que más promovía el valor del mérito y esse tipo de saber entonces. Tercero, todo ello fue estimulado por el tipo de requisitos de su trabajo como ingeniero militar. Finalmente, el balance de esa experiencia de prisión fue que consiguió aumentar su conocimiento general y su *capital cultural* –según el concepto de Bourdieu-, y que desarrolló sus capacidades intelectualmente hablando. Por ello, cuando regresó a España fue mucho más docto y aumentaron sus posibilidades en el campo cultural, como demostró cuando publicó la primera gramática griega contemporánea,



resultado de parte de ese tiempo de ocio que había invertido en cultura y aprendizaje en sus años de prisionero.



## CRISTINA CARVALHO (ESHTE) - 1930s SUNNY COAST: A PARADISE FOR SPANISH REFUGEES & TOURISTS

### CV

Cristina Carvalho has a PhD in History, a masters in English Studies, a graduate degree in Tourism Information, and for over a decade she has been teaching at the Estoril Higher Institute for Tourism and Hotel Studies (ESHTE). Her fields of interest and research are diversified, but mostly focus on the History of Tourism, Cultural Tourism, and History of England.

### Abstract

In 1910, following the recommendations of a Swiss doctor, Fausto Figueiredo moved to Monte Estoril due to his wife's fragile health. An entrepreneur and a well-travelled man, Mr. Figueiredo soon devised a bold plan to erect Portugal's 1<sup>st</sup> international resort built from scratch and whose works across a pinewood were feasible in two-year's time.

By 1914 he purchased lands across *Santo António do Estoril's* valley, invited a French urbanist to materialise his vision and ordered the physical beginning of the endeavour. On the 22<sup>nd</sup> May, Figueiredo presented the project *Estoril – Estação Marítima, Climática, Thermal e Sportiva*, defending Tourism as a social practice of polite nations and a breath of fresh air for the budgets of states like Monaco, besides the attractions Estoril was meant to offer. Little did he know that soon a Great War would contaminate the world's agenda and Portugal's frail Republic would face survival challenges...

As Colin Michael Hall defends, unlike political instability, authoritarian regimes do not drive tourists away, and Estoril's project was boosted by the military dictatorship's support to legal gambling and Salazar's interest in the financial vitality perceived across the resort due to the visitor's investments. The consecutive inaugurations of venues from 1929 to 1931, the diversified menus of cultural and sporting activities offered across the Casino, the Park and the beach, combined with shrewd promotional efforts justify the speedy rise to fame of the national resort.



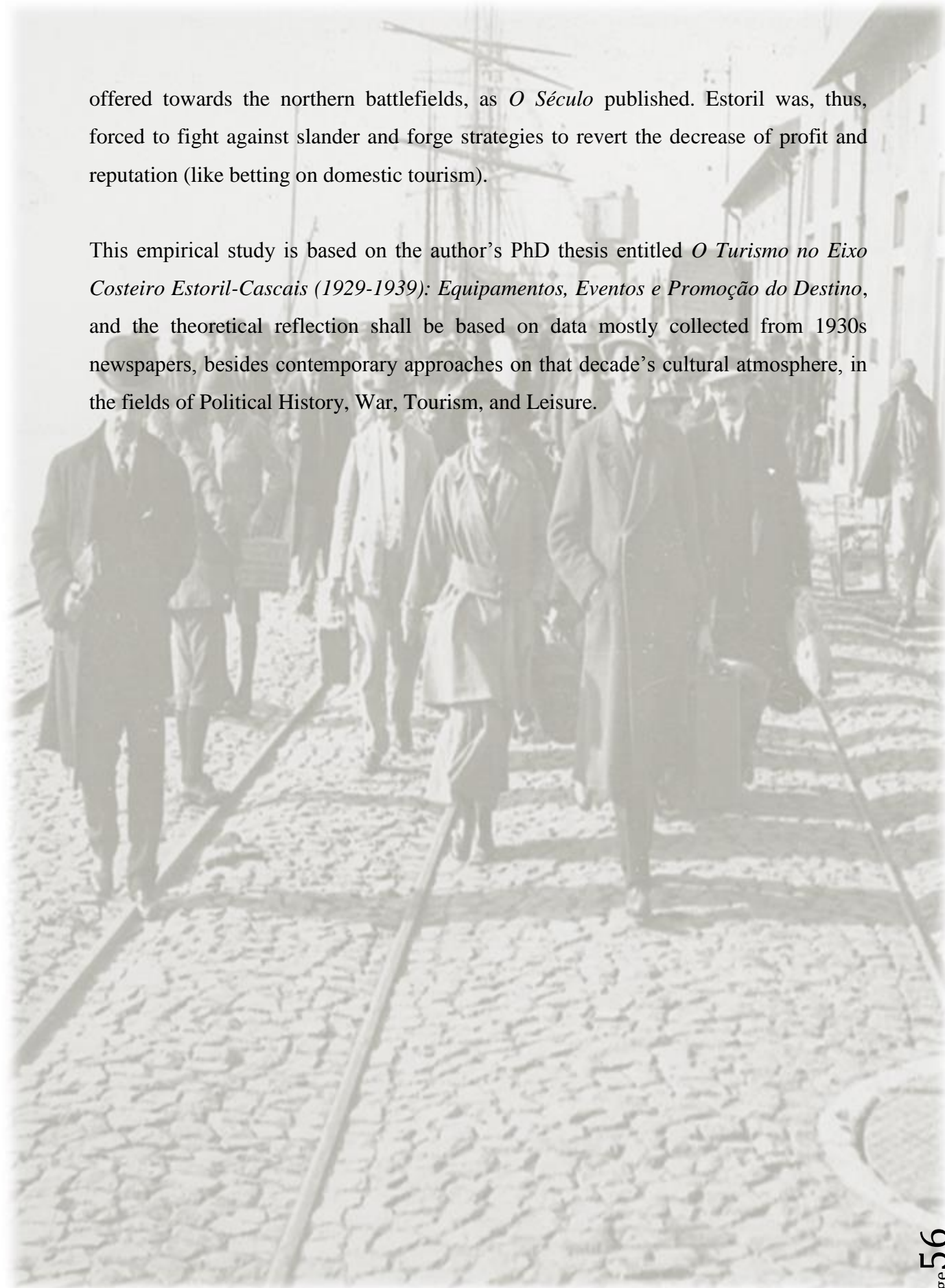
The refined playground for Europe's (and the world's) leisured-classes soon attracted the bohemian, the neurasthenic, the nonchalant, the powerful and the (temporarily) fallen, most of British and Spanish origins. No wonder that in 1936 John Gibbons published a guide describing its appeals, two seasons and niche markets: the British in the winter and the Spanish in the summertime. However, as the World Tourism Organisation defends, one must tell refugees like General Sanjurjo and the Marquis of Quintanar from tourists, many of whom visiting family members exiled at the then dubbed *Sunny Coast*.

The Iberian neighbours' preference derived from the commotion felt since 1931 when the II Republic rose to power, leading to the 1932 failed *Coup d'État* and conviction of monarchists and right-wing supporters. In 1934, an amnesty granted sent to exile many who, like General Sanjurjo, chose Portugal to settle in. In order to serve the flows of well-off refugees, Cascais had a Vice-Consulate, Monte Estoril's Miramar Hotel was managed by Galician partners, Estoril's delights were the perfect bait for the stay, and in Parede the Radio Club (RCP) soon broadcasted support to the rebels at the warfronts. And why was that so?

Until the official friendship treaty firmed shortly before the outbreak of the 2<sup>nd</sup> World War, the Iberian nations had never built bridges of understanding, for while Madrid protected Portuguese Republicans not keen on Lisbon's dictatorship(s), Salazar's regime supported Spain's right-wing's claims. After 1936, Lisbon's proximity to the rebels' ideals tarnished Portugal's and Estoril's reputation (since Salazar vowed not to intervene in the Spanish affairs), but the spreading of images on Sanjurjo's (polemical) accident and funeral soon promoted the treasures of the resort at a free-of-charge basis. Estoril became the unofficial headquarters of Franco's troops, and the Spanish culture paraded itself across the Casino's stage as a means to entertain these clients, as one reads through newspaper advertisements published. Their stay boosted the then feeble pilgrimages to Fátima's sanctuary, but rumours spread (by authors like Ralph Fox) on Portugal's political innuendo and unsafe conditions offered to foreigners drove many influential tourists away. Parede's radio station hosted lectures against Communism and broadcasted support to the warfronts and in the summer of 1938 tours was already

offered towards the northern battlefields, as *O Século* published. Estoril was, thus, forced to fight against slander and forge strategies to revert the decrease of profit and reputation (like betting on domestic tourism).

This empirical study is based on the author's PhD thesis entitled *O Turismo no Eixo Costeiro Estoril-Cascais (1929-1939): Equipamentos, Eventos e Promoção do Destino*, and the theoretical reflection shall be based on data mostly collected from 1930s newspapers, besides contemporary approaches on that decade's cultural atmosphere, in the fields of Political History, War, Tourism, and Leisure.





## MARIA JOÃO CASTRO (IHA/EAC, FCSH/NOVA) - OS OLHARES CRUZADOS DA LISBOA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL. MEMÓRIAS ESTRANGEIRAS NO CAIS DA EUROPA

### CV

Maria João Castro é doutorada em História da Arte Contemporânea e investigadora do Instituto de História da Arte, na linha de Estudos de Arte Contemporânea (IHA/EAC) da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH/UNL), onde também concluiu o mestrado (2007) com a dissertação A viagem e a arte em Portugal no Estado Novo: as visitas presidenciais às ex-colónias.

### Abstract

Em Julho de 1938, o Presidente da República, General Óscar Carmona, embarcava no Cais das Colunas para a primeira viagem de um chefe de Estado português às colónias ultramarinas de África e, no ano seguinte, em 1939, uma segunda jornada levava-o a completar o périplo africano das possessões de além-mar. De forma a assinalar para a posteridade o acto histórico, foi decidido gravar na pedra uma mensagem do Presidente da República e outra do Presidente do Conselho. Contudo, o regresso ao Cais das Colunas do Presidente, a 12 de Setembro de 1939, simbolizou um novo tempo, visto que Carmona regressava a um continente enublado pelo início da Segunda Guerra Mundial que havia sido declarada a 1 de Setembro, apressando-se o governo de Oliveira Salazar (1889-1970), no dia seguinte, a anunciar a neutralidade portuguesa.

Em breve, Lisboa tornar-se-ia no cais da Europa, passando a figurar como rota dos estrangeiros que procuravam fugir dos campos beligerantes do Velho Continente e que procuravam, através das representações diplomáticas em solo lusitano, escapar ao conflito bélico. A capital portuguesa torna-se na “sala de espera” para numerosos refugiados que aguardavam o embarque para os E.U.A. e foi durante esse tempo efémero que se assistiu a uma transformação dos usos e costumes trazidos pelos estrangeiros em rota de passagem para novos destinos. Isso significou que Lisboa se tornou no centro das atenções mundiais e a única capital onde Aliados e potências do Eixo confluíam abertamente, vigiando-se mutuamente.

O que interessa referir no contexto proposto é que, distanciando-se dos comportamentos conservadores que o salazarismo ascético e a moral católica haviam imposto e que firmavam a ideia de pecado e pudor, a passagem de numerosos estrangeiros fugidos da Guerra alterou os hábitos de Lisboa e da sua população.

Os que aqui chegavam encontravam um país de contrastes, em muitos aspectos parado no tempo. À volta das principais avenidas, surgiam os bairros das lavadeiras e dos ardinhas, ainda que fosse vista ao olhar estrangeiro como uma cidade-luz face à sombra que cobria a Europa.

Sobretudo a partir de Junho de 1940, e conforme os alemães e instalavam em Paris, Lisboa acendia as luzes da Grande Exposição do Mundo Português, inaugurando o evento com a pompa e circunstância que a sua neutralidade permitia. A pacata capital assiste, curiosa, à vinda de estrangeiros que, surpresos com a reluzente metrópole, não param de chegar às suas gares ferroviárias, marítimas e aéreas.

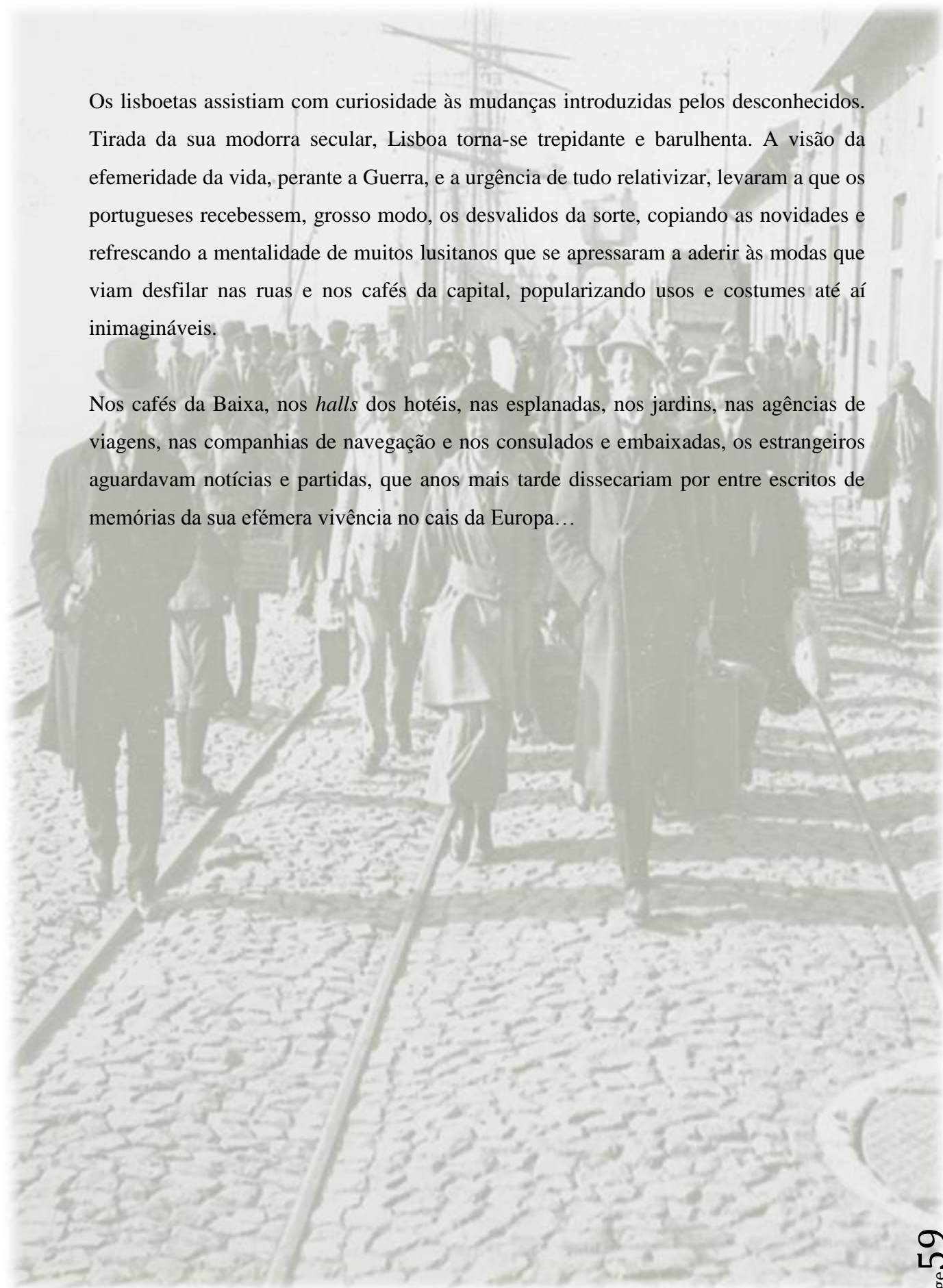
À estação do Rossio chegariam a maior parte dos estrangeiros a caminho dos hotéis que podiam pagar. Por seu lado, o porto de Lisboa assistiu a um movimento desusado, enchendo-se de navios de passageiros e mercadorias, num vai e vem de inusitadas partidas e chegadas. Os paquetes da Companhia Nacional de Navegação rivalizavam a ancoragem com outros de várias nacionalidades e uns tantos chegados das colónias ultramarinas para assistir às comemorações do Duplo Centenário.

Viajar por ar não era uma opção viável para a grande maioria dos estrangeiros. Os bilhetes eram caros e os lugares poucos: os aviões da Pan American, os hidroaviões Clipper transportavam não só passageiros mas grandes cargas de correio, uma parte lucrativa do negócio da Pan American amarrando em Cabo Ruivo. O aeródromo da Granja do Marquês, em Sintra, ligaria Lisboa às principais capitais europeias. Com a abertura em Outubro de 1942 do aeroporto da Portela, o movimento aéreo foi transferido para a capital.



Os lisboetas assistiam com curiosidade às mudanças introduzidas pelos desconhecidos. Tirada da sua modorra secular, Lisboa torna-se trepidante e barulhenta. A visão da efemeridade da vida, perante a Guerra, e a urgência de tudo relativizar, levaram a que os portugueses recebessem, grosso modo, os desvalidos da sorte, copiando as novidades e refrescando a mentalidade de muitos lusitanos que se apressaram a aderir às modas que viam desfilar nas ruas e nos cafés da capital, popularizando usos e costumes até aí inimagináveis.

Nos cafés da Baixa, nos *halls* dos hotéis, nas esplanadas, nos jardins, nas agências de viagens, nas companhias de navegação e nos consulados e embaixadas, os estrangeiros aguardavam notícias e partidas, que anos mais tarde dissecariam por entre escritos de memórias da sua efémera vivência no cais da Europa...



## AUGUSTO SALGADO E JORGE RUSSO (CINAV E IHC – FCSH/UNL) - PODE UM SUBMARINO IMPERIAL ALEMÃO, NA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL, PRODUZIR MATÉRIA TURÍSTICA EM PORTUGAL, NO SÉCULO XXI?

### CV

Augusto Salgado é doutorado em História dos Descobrimentos, pela Faculdade de Letras de Lisboa desde 2010. Atualmente presta serviço na Escola Naval, onde é professor da cadeira de História Naval e no Instituto de Estudos Superiores Militares. É ainda professor no Mestrado História Marítima e no Mestrado de História Militar.

Jorge Russo é licenciado em História e investigador do CINAV - Centro de Investigação Naval e do IHC – Instituto de História Contemporânea, da FCSH/UNL.

### Abstract

No dia 24 de Abril de 1917, o submarino Imperial Alemão U-35 comandado por Lothar Von Arnould de La Perière (1886-1941), o “ás dos ases”, afundava ao largo de Sagres e de Lagos, 4 navios mercantes de diversos pavilhões.

Este foi um episódio naval da Primeira Guerra Mundial, que trouxe às águas territoriais Portuguesas, a *Handelskrieg*, a guerra Imperial à marinha mercante inimiga.

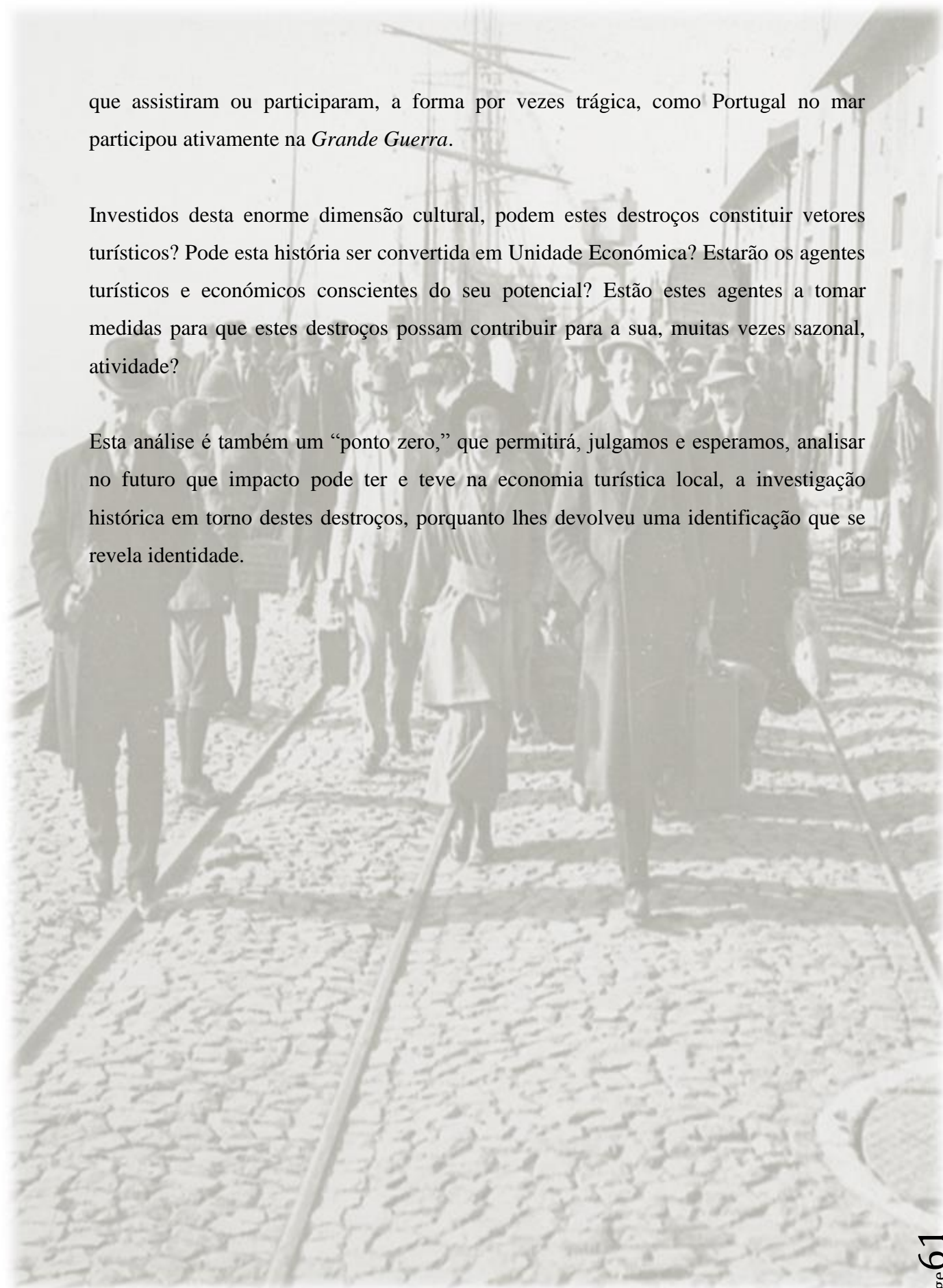
Quando estamos prestes a evocar o centenário destes afundamentos, os destroços resultantes emergem da simples e mera materialidade para a imaterialidade multinacional e multicultural, na sequência da investigação historiográfica e material desenvolvida pelo *Projeto U-35* do CINAV – Centro de Investigação Naval da Marinha. A identificação, no plano científico, integra de forma plena estes destroços na Paisagem Cultural Marítima, não só local e regional, mas multinacional, expandindo-os culturalmente para a visão telescópica, além da microscópica. Tornam-se deste modo, *destroços com História*, e os navios são ligados às vidas e cultura dos seus tripulantes, construtores, atacantes e salvadores. Mas, também, dos observadores passivos que das arribas Portuguesas observaram um conflito que lhes parecia alheio lá longe nas trincheiras Belgas ou Africanas. Este episódio permitiu lembrar a todos os portugueses



que assistiram ou participaram, a forma por vezes trágica, como Portugal no mar participou ativamente na *Grande Guerra*.

Investidos desta enorme dimensão cultural, podem estes destroços constituir vetores turísticos? Pode esta história ser convertida em Unidade Económica? Estarão os agentes turísticos e económicos conscientes do seu potencial? Estão estes agentes a tomar medidas para que estes destroços possam contribuir para a sua, muitas vezes sazonal, atividade?

Esta análise é também um “ponto zero,” que permitirá, julgamos e esperamos, analisar no futuro que impacto pode ter e teve na economia turística local, a investigação histórica em torno destes destroços, porquanto lhes devolveu uma identificação que se revela identidade.



## **GÖKÇE BAYINDIR GOULARAS E BETÜL NUHOGLU (YEDITEPE UNIVERSITY) - THE ROOT TOURISM FROM TURKEY TO GREECE, THE RETURN TO THE MOTHERLAND**

### **CV**

Gökçe Bayındır Goularas obtained her PhD in Sorbonne University in July 2010. Her PhD studies were focused on the population exchange between Greece and Turkey and the identity question of refugees. Now she is working as an Assistant Professor in the French department of Political Science and International Relations at the Yeditepe University in Istanbul. She also gives lectures on sociology at the University of Bahçeşehir in İstanbul. Her fields of research are interdisciplinary and particularly focus on migration, culture, identity and Greek-Turkish relations.

### **Abstract**

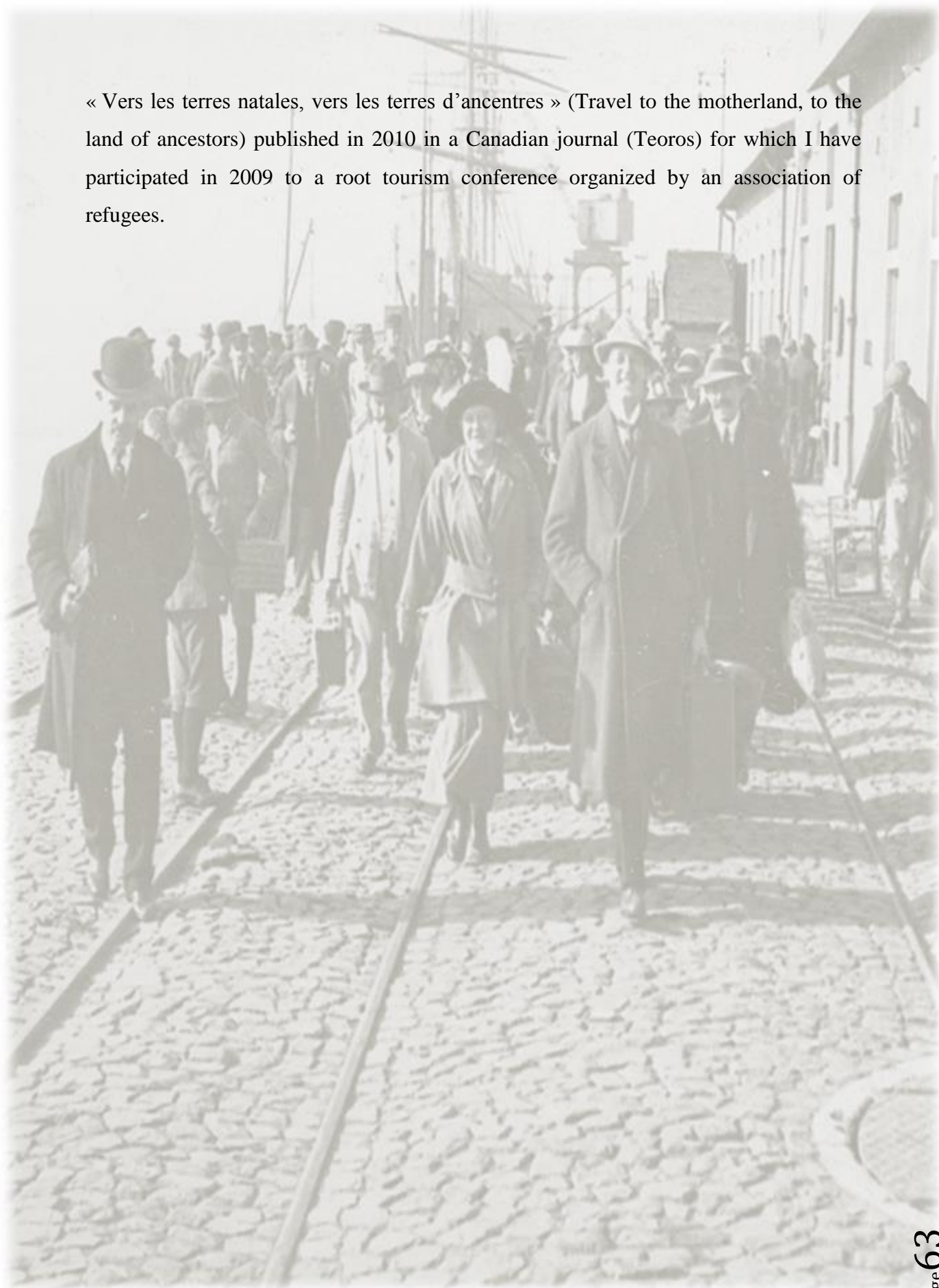
In 1922, with the end of the Turkish War of Independence, the redefinition of the Greek and Turkish borders and the homogenization of Greek and Turkish peoples became crucial for the formation and the consolidation of Greek and Turkish nation-states. Greece and Turkey found the solution with the signature of the Convention of the Population exchange between Greece and Turkey in 1923, which resulted to the forced displacement of Greek orthodox from Turkey to Greece and Muslim Turks from Greece to Turkey.

For over half a century, the Greeks and Turks who were involved in this obligatory migration didn't have the opportunity to visit their native lands or, as the majority considered, « the motherland », because of the repeated political tensions between Greece and Turkey, the difficulties to obtain visa to travel and the presence of a certain fear together with other obstacles. By consequence, root tourism, started in 2000 in Turkey through the initiatives of refugee's foundations and associations, is now one of the pillars of tourism between the two neighboring countries.

The aim of this work is to present the experience of return of Turkish refugees and their descendants to their motherland in Greece after the wars and the forced migration between Greece and Turkey in the 1920s. This work will be based on my article entitled



« Vers les terres natales, vers les terres d'ancêtres » (Travel to the motherland, to the land of ancestors) published in 2010 in a Canadian journal (Teoros) for which I have participated in 2009 to a root tourism conference organized by an association of refugees.



**ANGELOS F. VLACHOS (SCHOOL OF HISTORY AND POLITICAL SCIENCE/PANTEION UNIVERSITY/ ATHENS) - WAR AND AFTER: PLANNING THE GREEK TOURISM, 1939-1945**

**CV**

Dr. Angelos F. Vlachos is a tourism policy expert with a heavy academic background in the history of tourism. He was born in Athens in 1970; graduated from the Dept of History and Archaeology of the University of Athens, with expertise in History (1994). Throughout his post-graduate studies, he accomplished a Master's Degree in Modern and Contemporary European History (1995) at the University of Sussex (Brighton/UK).

**Abstract**

Though odd it might seem, throughout the first half of 20<sup>th</sup> century, War and Tourism seem to be alternate phenomena: each of them was under constant planning, while the other prevailed. To this respect, facing 'Tourism' as a metonym of Peace, one can arguably suggest that it was meticulously sketched out in the course of the turbulent years.

In any case, the European State (be it the Nazis or the democratic states) became active so as to deal with the emerging phenomenon at the crossroads (signaled by the War), before the mass expansion; a symbolic moment, indeed. Nonetheless, our understanding as for these matters until recently was extremely limited, while there was no adequate scholarly grasp regarding tourism's first steps throughout the critical '40s decade.

Tourism development in Greece –as well as in the majority of the Mediterranean nations- was shaped through various and diverse trajectories, long forgotten; WWII served as a critical factor to this extent. Even if unintentionally, the War (and the further harsh Occupation) highlighted a clear cut as regards the evolution of the Greek tourism phenomenon. Within this socio-political furnace, social relations evolved, social allegation was radicalized, ground-breaking plans were compiled, while the given framework of power relations was renegotiated. No doubt, the situation is habitually



related to narratives of resistance or survival; however, it seems that things were far from simple. During the last phase of this war period, even in the impoverished Greece, extensive deliberations were made regarding the vast potential of tourism explosion in the forthcoming era. Political considerations, social benefits, organizational schemes even technical solutions concerning tourism have been raised in this context. Besides, even the profile of the future international traveler was envisaged at that moment within certain circles of ambitious visionaries.

Practically, as for Greece, everything started the year just before the Liberation; a small group of technocrats working on behalf of the *National Bank of Greece* (NBG) were secretly assigned to generate a comprehensive report about the future tourism prospects. It should be underlined that this initial text of 1944 meant to be the Holy Grail of the country's tourism development for the next two decades.

What happened with the incomplete project of Greek tourism through the WWII? Has the state intervention in tourism during these violent years been coincidental? What about the broader institutional structures for supporting the plans of this –rather imaginary at that time- economy's sector? And, to what extent designing tourism policies was re-formulated in the dense socio-political experience of the War? This paper shall strive to approach these questions among several others having the Greek case at its center.

## LEONÍDIO FERREIRA (UNIVERSIDADE DE ÉVORA) - ÁLAMO – É PATRIÓTICO CELEBRAR UMA DERROTA

### CV

Doutorando em História Contemporânea pela Universidade de Évora (desde 2014)  
Jornalista do Diário de Notícias desde 1992, no qual já exerceu funções de editoria, chefia de redação e direção. Atualmente é editor executivo e assina duas colunas semanais dedicadas a temas de política internacional.

Entre 1999 e 2007 foi assistente e depois equiparado a professor adjunto na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal

### Abstract

Começo por citar o início de uma reportagem publicada no DN há uma década, ainda com a memória bem fresca de uma visita ao Álamo, em San Antonio, Texas: "A fachada branca terrosa do velho convento de San Antonio de Valero não impressiona pela monumentalidade, mesmo que a traça do século XVIII se destaque facilmente num cenário de arranha-céus e de modernos centros comerciais. Mas dentro das velhas paredes construídas em San Antonio há 300 anos pelos colonizadores espanhóis do México - e depois transformadas em quartel -, relíquias como o punhal de David Crocket, ou o seu colete em pele, emocionam todos os dias centenas de visitantes, a ponto de deixarem em lágrimas um ou outro americano mais romântico. Numa das salas do Forte Álamo, uma maquete com soldados em miniatura lembra toda a tragédia associada a estas ruínas". Ora, essa tragédia, recordemos, foi o massacre de 187 patriotas texanos pelo exército mexicano comandado pelo general Antonio López de Santa Anna, a 6 de março de 1836. Derrotados, mas com honra, que é aquilo que os turistas recordam quando hoje percorrem o local, monumento que o sítio oficial na internet reivindica 2,5 milhões de visitantes por ano.

Foi apenas um mês depois do massacre do Álamo que os texanos tiveram com a batalha de San Jacinto a vitória decisiva sobre o general Santa Anna. Comandados por Sam Houston, os rebeldes 'anglos', apoiados por alguns 'tejanos', investiram contra o inimigo aos gritos de "lembrem-se do Álamo", um grito de guerra que perdura até hoje.



Conquistada a independência ao México, durante nove anos houve um Texas independente, até que por fim o pedido de integração nos Estados Unidos da América foi aceite. Um desfecho lógico, pois os 'anglos' eram em termos de língua, cultura e religião americanos. Mesmo assim, há ainda hoje um orgulho muito especial no estado da 'Estrela Solitária', o único que foi um país independente, como recorda o edifício em Austin, a capital, onde em tempos funcionou a embaixada francesa. Qualquer guia turístico da região, como o 'Frommer's' dedicado a San Antonio & Austin, recomenda iniciar a visita a San Antonio sempre pelo Álamo, o que prova o apelo do forte. Mas a verdade é que toda a cidade soube construir uma lógica turística a partir desse momento trágico de há 180 anos. Assim, várias instalações militares na zona garantem um público interessado nos valores do patriotismo, enquanto o passado hispânico, cada vez mais valorizado pela preservação de antigas missões e igrejas, atrai tanto uma crescente clientela étnica como os amantes da história. Mas San Antonio junta ainda ao Álamo e restantes atrações de outra época vários motivos de interesse turístico, como o oceanário, o passeio fluvial ao longo do rio homónimo e sobretudo centros comerciais. Nesse ponto, o próprio Álamo, cuja entrada é gratuita, se posiciona como loja de recordações e merchandising, vendendo desde réplicas de velhas pistolas e barretes de pele, até as t-shirts com imagens do forte ou com as célebres palavras bélicas a ele associado.

No interior do antigo mosteiro, e em lugar de honra, surgem também as bandeiras dos 50 estados, outra forma de recompensar os turistas movidos pelo apelo patriótico. Tudo isto sempre sem se perder a lógica museológica que garante a respeitabilidade do monumento histórico.

Num país com menos de 250 anos de existência, locais como o Álamo, que no imaginário popular são associados à gesta da nação, constituem sempre um atrativo em termos de turismo e de lazer. E se pensarmos como toda a experiência de construção dos Estados Unidos passa pela guerra, seja contra os ingleses, os mexicanos, os índios ou mesmo a civil, os monumentos com raízes militares ganham destaque perante todos os outros, basta sublinhar como, além do Álamo, Yorktown, Gettysburg ou Little Big Horn

(também palco de uma derrota!) atraem milhões de visitantes todos os anos, para lições de história ao vivo.

Considerado National Historical Landmark desde 1960, o Álamo pode também ganhar ainda este ano o estatuto de Património da Humanidade, pois os Estados Unidos da América apresentaram candidatura à UNESCO.





**RITA MARTINS, DANIELA SOUSA E RUI MARTINS (GITUR/ESTM-INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA) - DARK TOURISTS: SOMOS QUASE TODOS NÓS**

**CV**

Rita Martins, Daniela Sousa e Rui Martins são membros do GITUR/ESTM-Instituto Politécnico de Leiria. Rita Martins e Daniela Sousa frequentam o mestrado de Marketing e Promoção Turística e Rui Martins é docente do Instituto Politécnico de Leiria.

**Abstract**

A vivência de locais associados à morte não é um fenómeno recente. Há muito tempo que as pessoas são atraídas para locais, atrações ou eventos que de alguma forma estão associadas à morte ou ao desastre. Os locais relacionados com guerra constituem possivelmente uma das mais amplas categorias de atrações turísticas a nível mundial. Este estudo levanta a questão se o Dark Tourism é apenas do interesse de um nicho de turistas ou se, em cada um de nós existe o desejo e a motivação de vivenciar uma experiência negra. Posto isto, conclui-se que, consciente ou inconscientemente, o Homem na sua maioria é atraído para a prática desta tipologia de turismo, sendo que muitas vezes nem o próprio turista se apercebe que as suas motivações estão ligadas à proximidade com a morte e o desastre.



# EDITED BY

ANA CARINA AZEVEDO

ANA PAULA PIRES

ÂNGELA SALGUEIRO

PEDRO CERDEIRA

RITA NUNES

FIRST PUBLISHED 2015

THIS EBOOK EDITION WAS CREATED BY RITA NUNES

DESIGNED AND REVIEWING BY RITA NUNES